



# CARRANCA

ORGÃO INFORMATIVO DA COMISSÃO MINEIRA DE FOLCLORE – CMFL – 03-2012 – Junho-Julho 2012

## Editorial

### As Semanas do Folclore e Nossa Modernidade

A Comissão Mineira de Folclore inaugurou oficialmente as semanas de Folclore no ano de 1965. A Lei Estadual nº 3899 de 21 de dezembro decretou que o estado promoveria anualmente a “Semana Mineira de Folclore”.

Naquela oportunidade como herança do populismo reinante, as políticas de apoio à cultura popular se vinculavam à Secretaria de Estado do Trabalho e da Cultura Popular. Nessa mesma Secretaria existia também um Departamento da Habitação Popular. Desse modo, trabalho, habitação e cultura popular eram vistos pelo estado como componentes da mesma realidade. Morar, trabalhar e desenvolver o saber teriam de ser vistos, apoiados e promovidos pelo Estado no interior de um mesmo eixo. Faltou trabalho? Então os processos de morar seriam afetados – expedientes informais de construção de moradia, inadimplência no aluguel, dependência de assistência social seriam decorrências necessárias da insuficiência de postos de trabalho. Postos de trabalho e remuneração digna, possibilidade de poupar para investir em moradia dependiam de atenção constante do Estado sobre a estrutura do mercado de trabalho. Trabalho era visto, portanto, como carro chefe das condições de moradia. Faltou trabalho? Então as condições de desenvolvimento do saber seriam imediatamente afetadas. Trabalho seria o carro chefe de promoção da modernidade sonhada desde o “grito” da Independência.

De fato, a lei regulamentava apenas um dos itens de compromisso do estado de Minas Gerais expresso em convênio Assinado há cerca de dez anos pelo governo de Juscelino Kubitschek com o IBECC – Instituto Brasileiro de Educação Ciência e Cultura, órgão da UNESCO. Nesse convênio, o Governo do Estado de Minas Gerais se comprometia a “conceder todas as facilidades às demonstrações folclóricas que sejam promovidas pela Comissão Mineira de Folclore” e a insere na rede de planejamento de um “Plano Nacional de Pesquisa Folclórica”.

Os dois compromissos assumidos pelo Estado de Minas Gerais merecem destaque neste momento. Primeiro, o governo Juscelino Kubitschek se compromete a apoiar a Comissão Mineira de Folclore. Segundo, o governo Magalhães Pinto regulamenta, através de Lei, este compromisso.

Merece também sublinhar que os movimentos de defesa do Folclore resultaram dos efeitos da Segunda Guerra Mundial. É a diversidade cultural que está em pauta, a identidade das nações e a tomada de posição para que jamais se repetissem as guerras de conquista em nome da supremacia da “pureza racial”. Desse modo, a Comissão Nacional de Folclore é o primeiro órgão de defesa da diversidade cultural no Brasil, criado muito antes de se falar em Globalização e as ameaças da uniformização das manifestações populares, ou em cultura de massa.

Como se vê, os tempos mudaram. No caso de Minas Gerais, os cuidados com a cultura popular migraram da atenção com o trabalho para a área de educação, depois para a Secretaria de Estado de Governo, até alcançar o status de secretaria independente nos anos de abertura do regime militar.

A aliança trabalho e cultura popular, educação e cultura popular, governo e cultura popular e finalmente, Cultura e cultura popular exibem decisões e indecisões de cada momento dos grupos que comandam o governo e de como entendem o que é ou não Cultura.

No primeiro caso, privilegia-se a cultura como realidade do cotidiano, tendo a ver com as condições imediatas de reprodução simples ou ampliada da força de trabalho. Visualiza-se a relação necessária entre Cultura e Desenvolvimento. No segundo, valoriza-se a cultura como componente da educação e se reconhece implicitamente que a Educação deve determinar os rumos da cultura. No terceiro, é o governo que traz para sua responsabilidade o comando das manifestações culturais que pretende valorizar, estimular ou fazer calar. Por último, a criação de uma Secretaria de Estado da Cultura reconhece expressamente a Cultura como uma esfera autônoma de ação política. No primeiro caso cultura é adjetivada – popular -, nos dois seguintes, cultura é tutelada pela educação ou diretamente pelo governo. Mas, devemos perguntar, o que é Cultura como esfera independente do saber fazer, expressar representar e identificar? O que é Cultura independente das relações sociais que favorecem o desenvolvimento do saber fazer, representar e identificar?

A programação da 46ª Semana do Folclore tem como objetivo inserir no centro do diálogo essas questões. A semana será aberta no dia 21 de agosto com um seminário sobre Cultura Popular e desenvolvimento sustentável. A questão da sustentabilidade incomoda a humanidade desde que Malthus no *Ensaio sobre a População* se preocupou com a relação entre taxa de reprodução da população e taxa de crescimento as condições de reprodução. Esse mesmo assunto retornou nas formulações de Marx em sua teoria das crises. A questão da produtividade do trabalho foi superada, por outra muito mais preocupante. A depredação do meio natural pelas técnicas de aumento da produtividade. Embora a fome esteja em pauta, a questão maior é da ausência de consciência mantida pela tradição. Não se trata da tradição conservadora, mas de uma tradição preservadora. Nisso, os estudiosos do Folclore podem oferecer componentes substanciais para o diálogo.

Outro seminário se dedica à memória local. Nele serão apresentadas obras que destacam a falta de sustentação a essa memória pelo que se pode chamar de refundação do espaço de moradia.

Trata-se de uma semana de estudos. Os membros da Comissão Mineira de Folclore estarão apresentando resultados de práticas, estudos e pesquisas. Serão lançadas obras que favoreçam o aprofundamento do diálogo. *A sombra do andarilho: o folclore e suas charadas*, se debruça sobre temas de interesse não apenas dos folcloristas, mas de todas as pessoas empenhadas a compreender a relação entre saber popular e as promessas da modernidade. O que é ser humano é a questão central. Até onde o saber popular é compreendido como saber humano é o desafio imposto.

*Gustavo da Silveira, Raizes; Vaqueiros do Rio Abaixo e Lavadeiras de Muque, Os cadernos de Meu Pai e de Minha Mãe; Camilinho, a origem e a escola.* Serão obras comentadas e exibidas para estudo dos participantes da programação. Como resultado, espera-se que os formadores de opinião e de ideologias incluam como componentes críticos as questões que interessam aos folcloristas de Minas há mais de 64 anos.

A diretora que comanda a Semana é que espetáculo se tem por toda parte. Há que criar e multiplicar locais para conversa, para o diálogo. Somente assim, haverá diálogo no interior da diversidade.

A Comissão Mineira agradece antecipadamente ao SESC MG a disposição de patrocinar os eventos dessa semana, consolidando uma antiga parceria espontânea. Com efeito, a Comissão conta apenas com pessoas e seu saber, sem qualquer base material.

# AGENDA

## Correspondências

### ➤ De Lula Gonzaga // José Fernandes e equipe

Aracaju, 21-3-2012

Querido Domingos, Carranca é o único Boletim / jornal que circula nesse país. Vocês são verdadeiramente heróis, pois para muitos intelectuais, o “Folclore morreu” e isto é de uma burrice extrema. Quero publicar aí.

...  
Ao estimado folclorista José Moreira de Souza. Grato pelo Carranca, enviado por nosso amigo Domingos Diniz. Lula Gonzaga.

### ➤ De Moacyr Costa Ferreira

Guaxupé, 12 de abril de 2012

*Primeiramente meus votos de felicidades e muito ânimo para reerguer nossa Comissão.*

*Recebi suas publicações e a convocação para a reunião realizada no dia 14-04.*

*Infelizmente, não estou podendo participar das reuniões em Belo Horizonte por motivo de saúde, não dá para viajar e a vista está péssima, porém muito me alegro pelo despertar da Comissão.*

*Envio-lhe, juntamente com minhas desculpas um exemplar de meu livro “Ergologia Folclórica”, ficando à espera de sua crítica. Também um abraço ao amigo Domingos Diniz, verdadeiro baluarte da CMFL.*

*Para você, um especial abraço, extensivo a todos os companheiros.*

*Moacyr Costa Ferreira*

*(Membro efetivo da CMFL)*

### ➤ Kátia Cupertino – 16 de abril

Meu presidente Moreira,

A sua visita inesperada no Curso de Dança na UFMG proporcionou uma “euforia coletiva” ao se tratar da cultura popular na academia!

A turma ficou impressionada com a sua presença e dizeses!!!

Queríamos saber quando vc irá retornar...como conseguir o jornal Carranca...se um dia poderiam participar das assembleias...

Cada um na sua área registrou um dizer seu: a turma da dança: Ele não é da dança e disse o que muitos ainda não disseram “...o corpo não fala, expressa...vc vai negar a dança do outro? ...” a turma da psicologia: ele reafirmou o que vínhamos lendo e discutindo... a dimensão da história na cultura popular a partir do cobu, foi demais! a turma da pedagogia: dizia com tanta propriedade e ao mesmo tempo com tanta clareza...podíamos ficar horas o ouvindo!!!Nos lembrou Paulo Freire! a turma da mecânica: ele nos fez ver a diferença do engenheiro e de quem realmente pega na massa... Enfim...você nos permitiu mais uma vez entender a dança para além da sua dimensão de corpo!!!

Obrigada!!!!!!!!!!!!!!

Esperamos com ansiedade um novo encontro!

Você realmente esquentou os tambores e aguçou as ideias!

Com carinho, de sua eterna aluna

Kátia Cupertino

PS: Acho que este é um dos caminhos...convidar os membros da CMFL para conversar com os jovens DENTRO da Universidade!

### ➤ Bráulio do Nascimento – presidente de honra da Comissão Nacional de Folclore– 18 de maio

Meus agradecimentos pela remessa do exemplar de CARRANCA, bem como meus parabéns pelos 64 anos da Comissão. Minhas saudações à nova Diretoria sob sua presidência. Estou certo de que a Comissão continuará a desenvolver o importante trabalho de valorização, estudo e promoção da cultura popular.

Meus cumprimentos cordiais.

Bráulio do Nascimento

### ➤ De Nereu do Vale Pereira – Presidente da Comissão Catarinense de Folclore

22 de maio

Recebemos no mês de maio a publicação Carranca, e ficamos felizes em saber que conseguiram voltar a circular um informativo sobre o Folclore.

Gostariamos que vocês pudessem indicar um nome da sua Comissão de Folclore para fazer uma palestra sobre Folkcomunicação, no XVI Congresso Brasileiro de Folclore, em julho de 2013.

Ficamos no aguardo de resposta e também das próximas edições do Carranca.

Saudações

### ➤ De Afonso Furtado - Comissão Fluminense de Folclore - Rio: 25/V/2012

Muitíssimo me apraz em congratular-me com você e sua valorosa equipe, em conduzir a CMF numa pujante atuação, em prol da cultura popular de Minas, e, por extensão do próprio país.

Abraços afetuosos,

Afonso Furtado

### ➤ De Neide Reis

Baldir, 02 de junho de 2012

*Estou encantada com a qualidade do Informativo da Comissão Mineira de Folclore em sua 2ª edição. Nos ensina; uma verdadeira fonte de cultura. Nos informa e ainda chama-nos para sermos mais participativos, mostra-nos como a atual diretoria procura envolver setores importantes para que a Comissão Mineira do Folclore possa atingir seus objetivos dentro de nossa comunidade. Acuso recebimento do convite, mas com enorme atraso. Brevemente estarei de novo com a “Internet” instalada, o que certamente facilitará a comunicação.*

*Estive no enterro do nosso Rei Congo, oportunidade em que estive com Frei Chico, com a Rainha Conga Isabel Cassemiro e vários grupos folclóricos. Estou com um livro “Calendário Folclórico” – pronto em suas pesquisas e estou ajudando os festeiros do ano aqui em Baldir na realização de suas festas – as tradicionais “Festas de agosto” que culmina com a festa do padroeiro “São Bernardo” dia 20/08.*

*Em 2008 fui festeira do Rosário durante estas festas e pude contar com a coordenação de Carlos Felipe e Jaciara Araújo – na “Missa Conga”*

*Atenciosamente,*

*Neide Silva Reis (Membro efetivo da CMFL)*

## AGENDA

### Acontecidos

#### ➤ Agripina - 21 de março

Oi amigos

O convite é para todos que amam as letras e leituras, sejam elas folclóricas, melódicas, cômicas, dramáticas, poética, religiosas ou profana. O que importa é que propiciemos momentos de letra e leitura à nossa sociedade.

Amanhã, às 19:30 horas, eu estarei sendo empossada como membro da Academia Ouro-pretana de Letras, para meu patrono escolhi o Professor Saul Alves Martins, nosso mestre maior e eterno presidente de honra da Comissão Mineira de Folclore.

Todos os membros e amigos da Comissão Mineira de Folclore estão convidados a parti ipar das solenidades.

#### ➤ Antônio Henrique Weitzel

Oitenta anos do professor Antônio Henrique Weitzel

No dia 22 de abril, como já é do conhecimento de todos, nosso companheiro, Weitzel, celebrou 80 anos. Domingos Diniz, Frei Francisco van der Poel, Elieth Amélia de Sousa, Maria Agripina Neves e José Moreira de Souza representaram a Comissão Mineira de Folclore. Foi uma viagem que valeu a pena. Weitzel, pleno de alegria, passou para todos a felicidade do encontro. Frei Chico contagiou o ambiente com música e com sua presença insubstituível. A família do professor Weitzel manifestou a generosidade que a caracteriza.

Em seguida, o grupo de folcloristas se dirigiu à residência do professor Edimilson, o qual estava impossibilitado de comparecer ao conagraçamento. Vivemos mais uma oportunidade de estreitar os vínculos que a Comissão sempre manteve com Juiz de Fora.

Se há situações em que palavras são insuficientes para expressar a realidade prático sensível, sem dúvida, a viagem de domingo foi uma delas.

Temos certeza de não ter levado apenas nossa mensagem pessoal, mas a de todos os membros da Comissão Mineira de Folclore enquanto pessoas e enquanto instituição.

Vejam uma das fotos tiradas com a máquina da Agripina.

Um abraço a todos,

José Moreira de Souza



### ➤ Assunto: 1º Circular XVI Congresso Brasileiro de Folclore

Enviada: 18/04/2012

Prezados Folcloristas das Comissões e órgãos (ou ainda pessoas) que tenham vinculação com os nossos congressos.

Como muitos já devem saber o XVI Congresso Brasileiro de Folclore será realizado em Florianópolis pela Comissão Catarinense de Folclore, para tanto precisamos da colaboração de todos para a definição do lema, objetivos, datas e idéias para o cartaz.

Conforme prévia análise em calendários de eventos, pensamos realizar o XVI Congresso entre os dias 15 e 19 de julho de 2013. Precisamos definir a data para elaborar cartaz, folder, programação, convites e buscar apoio financeiro. Quem discordar favor nos propor outras datas.

Pedimos também sugestões de temas para conferências e mesas redondas com indicação de nomes para cada situação. Precisamos de seus endereços e dados pessoais para proceder a convites e agendar contatos (telefones e e-mail).

Embora tenhamos dado entrada com projeto no Fundo Estadual de Cultura ainda não recebemos sua aprovação o que nos preocupa. Recebemos confirmação do apoio do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina quanto ao uso de seus espaços físicos que são bem centrais e com bons hotéis e restaurantes próximos que não requerem transportes constantes.

Recebemos uma indicação da Comissão Goiana de Folclore para convidar o Bariani como um dos palestrantes. É um grande nome e que será convidado faltando definir tema e onde colocá-lo na programação.

Repetimos: desejamos receber sugestões urgentes para lema, tema e objetivos, além de idéias para a arte do cartaz.

Desde já agradecemos a contribuição de todos.

Saudações Folcloristas. Nereu do Vale Pereira Presidente da Comissão Catarinense de Folclore

#### ➤ Maria de Lourdes Costa Dias Reis

A folclorista, Maria de Lourdes Costa Dias Reis, foi condecorada com a Medalha da Inconfidência no dia 21 de abril em Ouro Preto.

#### ➤ Deolinda

Deolinda Alice dos Santos, proferiu palestra no dia 15 de maio às 19 horas no Centro de Arte Popular na Gonçalves Dias 1608, com lançamento do livro Festejos Tradicionais Mineiros, [como pare da](#) Programação da 10ª Semana Nacional de Museus

#### ➤ Zanoni Neves

Proferiu palestra sobre o tema O RIO SÃO FRANCISCO E OS NAVEGANTES DA INTEGRAÇÃO. No dia 26 de maio de 2012 na sede do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais.

#### ➤ Wallace Sebastião Costa Gomes

Prezada Comissão,

Sou um apaixonado pelo folclore brasileiro, creio que sou um dos únicos jovens com tal zelo pelo Brasil, e desde os 9 anos de idade que estudo a cultura popular brasileira. Queria enviar-lhes, se possível, textos de minha autoria a respeito de estudos que realizei em Abreus, distrito de Alto Rio Doce, Minas Gerais, tais textos estão publicados em um pequeno catálogo que intitulei "O Folclore em Abreus".

Ficarei muito grato se me responderem. 29 de maio



### ➤ **Carlos Felipe e Minas ao Luar - 2 de julho**

No último fim de semana, me senti emocionado prá valer, ao ser homenageado, juntamente com Waldir Silva e Rede Globo, nas comemorações das 500 edições do Minas ao Luar, projeto que tive a felicidade de ajudar a nascer, juntamente com José Tadeu Andrade, Ivanildes e Gilberto Gilberti, há 19 anos atrás. Continuamos participando, com muita honra, desta cantoria que 90 SESCOG vem semeando por Minas Gerais. Fiquei muito feliz e grato por Deus ainda permitir que a música sobreviva em nossa vida.

### ➤ **II Seminário de Cultura Popular, Estética e Arte Educação dias 4 e 5 de junho.**

Domingos Diniz participou de uma mesa às 18:00 do primeiro dia a convite da folclorista Juliana Garcia, sua sucessora na disciplina Folclore na Escola de Artes Guignard.

### ➤ **Agenda para o Centro de Artes**

#### **Populares**

Nossos companheiros Antônio de Paiva Moura e Domingos Diniz apresentaram proposta de agenda para atividades no Centro de Artes Populares, segundo a disponibilidade de cada membro.

**Kátia Cupertino acrescentou:** Que tal uma MOSTRA DE VÍDEO DOCUMENTÁRIOS ( 2 por noite) gravados pelo Deniston..., com entrevista \ debate após apresentação e a venda do mesmos na saída.

Parte da venda seria para a comissão.

A Divulgação seria por conta da SEC!!!

### ➤ **Para Ler**

#### **Acessem**

[www.dedodegente.com.br](http://www.dedodegente.com.br)

[www.cultura.gov.br/site/categoria/representacoes-regionais/regional-mg](http://www.cultura.gov.br/site/categoria/representacoes-regionais/regional-mg)

[www.observatoriodadiversidade.org.br/site/](http://www.observatoriodadiversidade.org.br/site/)

[www.caleidoscopio.art.br/](http://www.caleidoscopio.art.br/)

Boletim Família - solicitem a [marcelo.manzatti@terra.com.br](mailto:marcelo.manzatti@terra.com.br)

Circulando Informação - Ano 5 - nº 108. CPCD

Circulando Arassussa - Ano 4 - nº 108. – CPCD

Raposos Sustentável - Ano 4 - nº 45. – CPCD

Teia Cultural Minas

### **Luiz Antônio Barreto – 17 de abril**

Prezados,

Acabo de ler mensagem de nosso companheiro José Fernando, de Recife, e de nossa companheira, Kátia Cupertino, sobre o falecimento, hoje do folclorista sergipano, Luiz Antônio Barreto. Levo ao conhecimento de todos minha manifestação pela Comissão Mineira de Folclore:

“Prezado José Fernando,

A partida de Luiz Antônio Barreto é uma grande perda para todos nós. Que fiquem as mensagens gravadas em “*Um novo entendimento do Folclore*”, “*Os vassalos do Rei*” e de “*Sem fé, sem lei, sem rei*”, obras de primeira importância para discussão de quem somos herdeiros e de nossa missão como estudiosos do saber popular e de atenção para as tradições.

#### **18 de abril**

Moreira:

Há 10 dias estava trabalhando sobre um ensaio, do qual lhe falei, “*Sítios antropológicos no Médio Paraopeba*”. Nele tenho demonstrado que as medievalidades permanecem na região, como brasa no borralho. Quando assopramos, elas aparecem. Foi num desses sopros que descobri o texto do Luiz Antonio Barreto “*Cristãos e Mouros na cultura brasileira*”. Fiz algumas anotações e citei a fonte.

Meu pesar pela morte do bom estudioso brasileiro.

Antonio de Paiva Moura

#### **Zé de Ernestina – 27 de abril**

Prezadas e prezados companheiras e companheiros, Transcrevo abaixo mensagem encaminhada pelo nosso companheiro Carlos Felipe:

“Aos amigos da comissão

A cultura popular mineira fica um pouco mais pobre com a morte, hoje, do Rei Congo de Minas Gerais, José de Ernestina. Durante toda a sua vida, ele se dedicou, sob as bênçãos de nossa querida Mãe do Rosário, de espalhar e, principalmente, viver, na realidade do dia a dia, a devoção à nossa padroeira. Agora, ele se vai. Jequitibá, que perdeu, em tempos recentes, o nosso irmão Geraldo Inocência, a genialidade de Nelson Jacó, agora fica sem o carisma de Zé de Ernestina. E não é só congado. Como será o batuque da família sem ele? Eu, particularmente, perco um amigo que me ensinou muitas coisas que a gente não encontra nos livros das estantes, mas só nas páginas da vida.

O enterro dele, embora ainda não esteja confirmado, deve ser às 16h.

Atenciosamente Carlos Felipe Horta”

Realmente, Jequitibá e toda a Minas Gerais deverá lamentar as seguidas perdas dessas pessoas emblemáticas

Um abraço a todos

José Moreira de Souza

Sinto pela morte de José de Ernestina. É mais um oráculo de sabedoria que se foi ou que a cultura mineira e nacional perdeu. Junto, a todos da Comissão, da Associação de Congadeiros

## AGENDA

e ao seu terno especificamente junto a sua família, os meus sentimentos. Tita. – 2 de maio

**Queridos Amigos e Amigas da Comissão,**

um abraço a todos.

Faço minhas as palavras do querido amigo Carlos Felipe. Temos ficado mais pobres com a perda de pessoas da linhagem de Geraldo Arthur Camilo, Zé Paulino, Néilson de Jacó, Zé de Ernestina e tantos mais. Se há algo que podemos fazer diante da Irreparável Viagem, talvez seja escrevermos os livros que contem as histórias que somente estas pessoas saberiam contar.

A Comissão está revigorada. E não poderia ser em momento mais necessário.

Com o meu abraço de fraterno carinho a todos e a todas,

**Edimilson Pereira**

**Projetos Veredas Sociais**

### **27 de junho – Dércio Marques**

Guilardo Veloso escreveu:

**“Cantar seja lá como for”. O Brasil perdeu hoje um dos maiores ícones da música e da cultura popular. Para nós do Vale do Jequitinhonha, mais ainda, perdemos nosso grande Mestre. Vai com Deus Dércio Marques. De nossa parte vão ficar muitas boas lembranças e aprendizados!**

**Em 27 de junho Dêniston Diamantino escreveu:**

Oi Amigos!!

Triste a notícia, que Deus o tenha e estará sempre entre nós, Dércio Marques.

Pra quem não sabia ele passou por cirurgias complicadas e viajou, fora do combinado claro, ia tocar com ele em Julho na Chapada dos veadeiros mas, de alguma forma estará lá.

Repasso a mensagem do Querido Brandão...

Que deus abençoe esse nosso mestre amigo-menestrel Marques.

Seguimos cantando,

Levi Ramiro

**Gente amiga,**

Existe mesmo um céu? Existem anjos por lá?

Se existem, que eles se calem por um tempo.

Está chegando por lá quem toca e canta bem melhor do que eles.

Dércio Marques viajou nesta noite de junho. Foi por volta de 23.30 hs.

Pra quem viveu sempre de viajar para encontrar as mesmas e outras gentes, e cantar com a gente a vida e o amor, que esta seja uma viagem a mais. Apenas isto. Ele se foi e está aqui, agora, entre nós.

Ele vai ser cremado hoje no Jardim da Saudade em Salvador, às 16.30 hs. Quase todas e todos nos não poderemos estar lá.

Mas esta será uma boa hora de nos unirmos, onde quer que estejamos, para conviver com a presença dele entre nós.

Talvez, entre algumas lágrimas e a lembrança da estrondosa gargalhada dele, possamos alternar o pranto com algumas das canções que ele cantava. Que ele canta ainda.

No livrinho que acompanha o **Cantigas de Abraçar** ele deixou que escrevessem um poema de uma pessoa cujo nome é apenas... Ricardo.

Acho que seria bem o momento de retermos com ele esta mensagem que retrata bem quem ele foi. Quem ele é!

*Cada um de nós passa em nossa vida.*

*Passa sozinho, porque cada pessoa é única para nós,*

*e nenhuma substitui a outra.*

*Cada um que passa em nossa vida passa sozinho, mas não vai sozinho e nem nos deixa só.*

*Leva um pouco de nós mesmos e deixa um pouco de si mesma.*

*Há os que levam muito, mas não há os que não levam nada.*

*Há os que deixam muito mas não há os que não deixam nada.*

*Esta é a mais bela e valiosa responsabilidade de nossa vida.*

*A prova mais profunda de que cada um de nós é importante e de que ninguém se aproxima*

*do outro por acaso.*

*Em nome de Dércio, nos abracemos com ternura,*

*Carlos Brandão*

# AGENDA

## Vai Acontecer

### 46ª Semana Mineira do Folclore 21 a 31 de agosto de 2012

Promoção: Comissão Mineira de Folclore

Patrocínio: SESC MG

Apoio: Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais

Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais

Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento

Centro de Extensão da Escola de Belas Artes da UFMG

Escola de Artes Guignard

Associação dos Filhos e Amigos de Gouveia - AFAGO

Associação dos ex-moradores de Gustavo da Silveira

As Semanas mineiras de Folclore foram criadas no ano de 1965 pela Lei nº 3899 de 21 de dezembro.

São objetivos principais dessas semanas reunir os estudiosos de Folclore para divulgar o conhecimento desenvolvido nessas áreas e mostrar ao poder público a importância da atenção às manifestações populares tradicionais.

A Comissão Mineira de Folclore conta atualmente com membros efetivos e colaboradores em diversas cidades de Minas Gerais. Belo Horizonte, Ribeirão das Neves, Santa Luzia, Baldim, Diamantina, Ouro Preto, Pirapora, Divinópolis, Juiz de Fora, Guaxupé, Poços de Caldas, Governador Valadares, Itabira, Patos de Minas, São Francisco, Montes Claros, Oliveira e Muriaé. Por ter sua sede em Belo Horizonte, os principais eventos se dão nesta cidade.

O SESC MG tem sido parceiro constante de nossa programação, tanto nessas semanas quanto em eventos disseminados ao longo do ano.

Para a edição 2012 está prevista a seguinte programação:

**3/08 – 20 horas** - Apresentação musical do violeiro Gustavo Guimarães, pelo projeto Canto & Viola.

Local: SESC LACES/JK - Coordenação de Luiz

Fernando Vieira Trópia e Tadeu Martins Soares

**21/08 – 19:30 horas** - Cultura Popular e Desenvolvimento Sustentável – Seminário – Tião Rocha, membro efetivo da CMFL, Presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. Ricardo Figueiredo – doutorando em História UFMG

Local: SESC Tupinambás auditório 16º andar

Coordenação: José Moreira de Souza

**22/08 – 19:30 horas** - Cultura Popular e Desenvolvimento Sustentável – Seminário – Tião Rocha, membro efetivo da CMFL, Presidente do Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento. Zaroni Eustáquio Roque Neves – membro efetivo da Comissão Mineira de Folclore – mestre em Antropologia UNICAMP

Posse dos novos membros efetivos da CMFL - Lúcia

Tânia e Juliana Garcia.

Quitutes Mineiros – gentileza do SESC

Local: SESC Tupinambás auditório 16º andar

Coordenação: José Moreira de Souza

**23/08 – 19:30 horas** - Seminário em homenagem a Domingos Diniz - oitenta anos - com lançamento do livro *A sombra do andarilho - o Folclore e suas charadas*. De José Moreira de Souza.

Debatedores: Kátia Cupertino – membro efetivo da CMFL - professora da Escola de Belas Artes da UFMG e professor doutor Raimundo Nonato de Miranda Chaves – presidente da AFAGO

Local: SESC Tupinambás auditório 16º andar

Coordenação: Antônio de Paiva Moura

**24/08 – 19:30 horas** - Apresentação de vídeos de Dêniston Diamantino e documentário de Lúcia Tânia.

Debates coordenados por Luiz Fernando Vieira Trópia.

Local: SESC Tupinambás auditório 16º andar

Coordenação: Luiz Fernando Vieira Trópia

**24/08 – 21:00 horas** - Seresta ao Pé da Serra. – Parque das Mangabeiras - Com animação de Carlos Felipe de Melo Marques Horta

Coordenação: Carlos Felipe de Melo Marques Horta

**28/08 - 19:30horas** - **Seminário história local.**

Lançamento do livro *Gustavo da Silveira, Raízes*.

Apresentação de Olísia Damasceno e Maria Helena

Martins Ribeiro. Comentários de Antônio Carlos Correa

- São Paulo - Heleno Célio Soares e José Moreira de Souza.

*Quitutes Mineiros – Gentileza das famílias de Gustavo da Silveira*

Local: SESC Tupinambás auditório 16º andar

Coordenação de Antônio de Paiva Moura

**29/08 - 19:30 horas** - **Seminário história local.**

**Lançamento do livro** *Vaqueiros do Rio Abaixo e*

*Lavadeiras de Muque* de Domingos Diniz

Apresentação do livro *Camilinho, a origem e a escola* de Raimundo Nonato de Miranda Chaves.

Apresentação do livro: *Os cadernos de Meu Pai e de*

*Minha Mãe* de Carlos Felipe de Melo Marques Horta.

Local: SESC Tupinambás auditório 16º andar

Coordenação de Antônio de Paiva Moura

**30/08 – 20:00 horas** - Espetáculo musical – “Música Folclórica do Jequitinhonha”, com Carlos Farias – psicólogo, cantador e compositor, criador do Coral Lavadeiras de Almenara e candidato a membro efetivo da CMFL

Local: PizzabaR – Av. do Contorno, 1636 - Floresta

Coordenação: Luiz Fernando Vieira Trópia

**31/08 - 19:30 horas** - Lançamento do **Boletim**

**Carranca Especial** – A colcha de retalhos - mesa redonda com os membros da Comissão Mineira de Folclore. Encerramento com Quitutes Mineiros – gentileza do SESC – MG

Local: SESC Tupinambás auditório 16º andar

Coordenação - Diretoria da CMFL

## AGENDA

### Vai Acontecer

## Redações Escolares

## Propostas para a Secretaria de Estado da Educação de Minas Gerais

### Gerais

É muito comum, no mês de agosto, os professores do fundamental e do nível médio solicitarem aos alunos atividades escolares referentes ao Folclore. Mais comum ainda, é exigirem tratamento de temas totalmente distanciados da realidade dos alunos, o que favorece uma compreensão distorcida do que é Folclore. É frequente exigirem “pesquisas” sobre o Folclore da Amazônia, ou do Rio Grande do Sul, ou, o que é mais lamentável a exploração do exótico e de tudo que foge à realidade próxima do aluno. Muitas vezes Folclore é confundido com superstições, crendices, benzeções, ou os chamados “tipos populares”, pessoas excêntricas.

Para favorecer a atividade pedagógica, a Comissão Mineira de Folclore deliberou oferecer como sugestão algumas atividades para serem recomendadas aos alunos.

O objetivo maior dessa proposta é de favorecer, juntamente com a compreensão do que é Folclore, o emprego de temas relevantes que ajudem na compreensão do que é realmente transversalidade e no que é promoção da cidadania.

#### 1. Provérbios e ditos populares.

Caracterizam-se como provérbios ou ditos populares enunciados que as pessoas usam quase automaticamente como preceito, recomendação ou conclusão do que pode se caracterizar como um longo discurso.

Para o caso presente, não se trata de o estudante sair por aí buscando em livros e na internet relação de provérbios, mas de escolher aqueles que já são do próprio conhecimento e que circulam em sua rede familiar.

Exemplo:

Uma venerável senhora narrava um caso típico de sedução e concluiu: “Quem quer pegar galinha, não diz que xô, né?” Eis a síntese do saber popular. Em todos os quintais de Gouveia, havia pelo menos meia dúzia de galinhas e um galo no terreiro. Pela manhã, as donas de casa chamavam suas galinhas: prriiu, prriiu, prriu! Elas vinham correndo, certas de que, pelo menos, um punhado de milho lhes seria jogado.

Quando, porém, se tratava de afastá-las, o comando era diferente: “Xô, xô, xô”, dizia a mulher. Dizer xô para pegar uma galinha era contrassenso. O saber popular expressava

o uso da sedução. A dona do quintal queria chamar uma galinha, desta vez para preparar um ensopado saboroso com quiabo e angu, ou um molho pardo. Ia à porta com um prato de milho e ... prriiu, prriiu, prriu!. É a técnica da sedução.

Dá a moral da história: “Quem quer pegar galinha, não diz que xô.”

#### Proposta:

O professor pedirá aos estudantes que contem uma história acontecida em seu meio e recomenda que concluam sempre com um dizer desse tipo: “é por isso que eu digo...”

Exemplo, o jovem narra peripécias de seu dia a dia e relata comentários de terceiros que levam o caso ao conhecimento de outros. Conclui, então, “é por isso que eu digo: Quem conta um conto, aumenta um ponto.”

#### 2. Lendas e casos como sustentação de topônimos.

Todas as pessoas vivem em algum lugar. O nome desses lugares pode ser invenção de loteadores ou de empresários imobiliários. Nesse caso, tem pouca importância para o saber popular. Por outro lado, há nomes de lugares que identificam profundamente os moradores.

Há nomes de bairros que são efêmeros. Eles aparecem na planta dos loteamentos e logo em seguida desaparecem. Há também os que se fixam para sempre. Alguns são sustentados por lendas, outros pela necessidade de afirmação de status, outros ainda como discriminação.

Um exemplo, no caso do perímetro interno da avenida do Contorno em Belo Horizonte, não existem bairros oficiais, mas Seções Urbanas. Entretanto, há pessoas que dizem morar em Santa Efigênia, em Lourdes, no Santo Agostinho, no Pio XII, no Santo Antônio, no São Lucas. O caso do Funcionários é exemplar. Poucas pessoas afirmam morar nesse local. Preferem dizer que moram na Savassi.

Topônimos populares tem essa dinâmica. Certo dia, alguém afirmou: a Savassi já está chegando em Santa Efigênia.

Ainda, no caso de Belo Horizonte, a prefeitura elaborou um cadastro em que consta o nome do bairro oficial, aquele definido por lei de parcelamento e que determina direitos quanto ao uso do solo, código de posturas e de obras, e o nome do bairro popular. O Renascimento popular é



diferente do Renascença oficial, até no nome. Do mesmo modo, o Mangabeiras, a Barroca e a Pampulha.

Os nomes de vilas e favelas são também bons exemplos. Cabeça de Porco, Gogó da Ema, Pau Comeu, Rock in Rio, Vila dos Marmiteiros, Vila dos Marimbondos são nomes que identificam lugares para os de dentro ou para os de fora. Todos eles têm história colada à própria realidade.

Há também topônimos com raízes antigas e que são transmitidas através de gerações:

Capela Nova de Betim, Contagem das Abóboras, Lagoa Santa, Paragem do Retiro, Lagoa Seca, Cruz das Almas. Muitos desses topônimos têm sua história garantida por lendas.

### **Proposta.**

O professor pedirá aos estudantes que contem a história que justifique o nome de seu bairro, ou de sua cidade, ou de sua rua, ou de um ponto notável situado na vizinhança.

Exemplo: Fogo Apagou; Santo Antônio da Roça Grande. Ressaca, Fidalgo, Morro Vermelho. Várzea do Pantana. Esquina dos Aflitos, Rua do Zé Sem Braço, Rua do Amendoim. Rua do Fogo, Rua do Sabão. Córrego Ferrugem, Ribeirão Arrudas, Córrego Acaba Mundo. Serra do Rola Moça. Morro do Quebra Cangalha.

Um exemplo.

Ao consultar arquivos das Cartas de Sesmarias concedidas por Gomes Freire de Andrade, deparei com topônimos tais como: Córrego do Menino Diabo, Córrego das Almas, Córrego da Paciência, Córrego do Chiqueiro, Córrego Sepultura tudo isto no “Distrito de Gouveia”. Todos esses topônimos permaneceram, exceto o de “Córrego do Menino Diabo”. Ao ler relatos de Viagem de Saint’Hilaire, deparei-me com o mesmo topônimo na cidade de Paracatu - Córrego do Menino Diabo. Este teve também dois outros nomes, córrego Pobre e córrego Superbo. Pois, bem, em Diamantina, nas terras do Biribiri há também um córrego Superbo.

Saint’Hilaire comenta o nome de Córrego do Menino Diabo atribuindo a rixas locais entre os jovens. Porém, em Gouveia, onde ninguém localiza o Córrego do Menino Diabo, prevaleceu esta lenda explicativa do topônimo: Nesse córrego, com frequência aparecia um menino “saci”. Era um local de assombração. Os moradores incomodados com o fantasma resolveram chamar o padre para expulsar essa figura infernal.

O padre foi munido de crucifixo e água benta. Chegado à paragem em que o menino aparecia para apavorar os viajantes e garimpeiros, eis que surge a criança no meio do córrego. O padre mostra-lhe

o crucifixo e o menino nem se abala. Toma imediatamente a caldeirinha com água benta, molha o hissopo e asperge água em forma de cruz na direção da endiabrada criança, e nada acontece.

Intrigado, o venerando sacerdote inquiriu o menino:

- Afinal, quem é você que não foge da cruz, nem da água benta? Você é ou não um diabo?

Ao que a criança respondeu prontamente:

- Sou um diabo, mas um diabo batizado.

A história desse topônimo é um prato cheio para historiadores e antropólogos. Não vem ao caso interpretá-la aqui.

São riquezas como esta que se espera das redações das crianças, de jovens dessas Minas Gerais.

Esta proposta é também uma homenagem da Comissão Mineira de Folclore ao folclorista Antônio Henrique Weitzel, pesquisador do Folclore Literário e Linguístico, que completou 80 anos no dia 22 de abril de 2012.

Recomenda-se aos professores a leitura das seguintes obras:

WEITZEL, Antônio Henrique. *Folclore literário e linguístico*; pesquisa de literatura e de linguagem popular. Juiz de Fora: UFJF, 1995.

WEITZEL, Antônio Henrique. *Vozes do saber das gentes*. Juiz de Fora: O Autor, 2001

### **PREVISÕES PARA O MÊS DE SETEMBRO:**

#### **Seminário sobre Religiosidade Popular** com

lançamento da obra *Dicionário da Religiosidade*

*Popular* do folclorista Frei Francisco van der Poel. A

obra contém 1100 páginas e 350 ilustrações. Está sendo editada pela Editora Objetiva do sistema Posigraf e será lançada em nível nacional. A obra sintetiza 40 anos de trabalho e atenção às devoções e crenças de nosso povo em sua diversidade.

#### **Seminário Velhice e guarda da tradição”**. coordenado

pelo folclorista Romeu Sabará da Silva com participação de pesquisadores brasileiros sobre o tema e sua atualidade.





## ARTIGOS

*Conforme foi prometido na edição anterior, apresentamos-se os discursos de Carlos Felipe e da Senhora Secretária de Estado da Cultura de Minas Gerais*

### ÚLTIMAS PALAVRAS Dia 05 de março de 2012

Discurso do presidente Carlos Felipe de Melo Marques Horta presidente da Comissão Mineira de Folclore – gestão 2007 - 2010

Ora, direis, estudar folclore! Certo, perdeste o senso” parece nos dizer, nesta noite, o poeta Bilac.

No entanto, ao longo de 64 anos, um grupo de mulheres e homens se dedica, com loucura e dedicação totais, a esta falta de senso.

Quem são eles? O que pensam da vida? O que fazem? O que ganham. Quem gente é esta, repetimos parafraseando Cazusa e Afonso Romano de Santana.

O que leva um iluminado Saul, um seresteiro cego como Ayres, um visionário como Bi Moreira, uma terna Lúcia Machado de Almeida ou um curador de gente como Orville Colombo de Conti, só para citar alguns nomes, a se reunirem para criar uma entidade dedicada a pesquisar, estudar e propagar e difundir a cultura do povo.

Certamente, não tinham juízo, como também não o tiveram e não têm dezenas de outras pessoas que continuam a praticar a mesma loucura.

E não é fácil.

Nestes 64 anos, estes insanos deram e estão dando razões aos que, certamente, com mais juízo do que eles, lhes dizem que não tem sentido fazer o que fazem, nos tempos de hoje. Numa época em que cada criança carrega o mundo nas mãos em seus Ipods e I pads, estes doidos ainda cismam de ouvir um congadeiro cantando o “Tá Caindo Fulô”; gravar de uma mãe negra cantando outra versão do “murucututu, sai do telhado”; ficar horas e horas vendo Zefa construindo uma bilha ou um boneco de barro ou, então, debaixo de um sol de rachar, acompanhar um grupo de reis entoando a velha cantiga do “somos três reis do Oriente” ou o que “noite tão bonita”.

São realmente doidos. Gente que analisa as carrancas do Velho Chico, que mergulha nos passos de uma velha dança negra, que examina, tim por tim, o sentido de uma palavra e das linguagens de uma comunidade, o sentido quase mágico de um alimento, o cobu, ou que mergulha, anos a fio, para deixar para as futuras gerações, um dicionário da cultura do povo.

Bem loucos estes folcloristas!

Lutaram na criação de sua entidade. Ergueram-na, quase sempre contra tudo e, muitas vezes, assistiram ao seu quase desaparecimento.

Já foram despejados de suas sedes, já se reuniram em salas de aula, em casas de família, em bibliotecas, porque não tinham outros locais disponíveis.

Montaram e perderam um Centro de Informações Folclóricas, dos mais importantes do Brasil; viram o seu Museu, nascido da genial loucura de Saul Martins, ser encaixotado e, num determinado momento, sair de Belo Horizonte, para evitar a perda total.

Quantas coisas poderiam ser ditas nesta noite que dariam razão a Bilac de poder chamá-los de tresloucados amigos, tresloucados folcloristas.

E, no entanto, eles nunca pararam. São centenas de livros, milhares de artigos, aulas, palestras, dezenas de semanas de estudos e pesquisas, participações incontáveis em seminários, debates e eventos, sempre e incansavelmente, defendendo e propagando a bandeira da verdadeira cultura popular, marco inicial de qualquer identidade de um povo. Hoje, mais uma etapa se inicia. Depois de mais um momento de crise, na luta pela sobrevivência, buscando adequação aos novos tempos, sem perder de vista os permanentes objetivos que a viram nascer.

Foram 14 assembleias gerais, reuniões com outras entidades, discussões com representantes de órgãos públicos, mais uma vez o encaixotamento de seu acervo e, novamente, falta de teto para seus encontros.

Só que, mais uma vez, falou alto a resistência destes loucos e insanos homens e mulheres que não ouvem a recomendação mais fácil que diz: “desiste;” preferindo escutar, do fundo da alma, a dura palavra “resiste”.

Em 5 de novembro de 2011, esta palavra de ordem foi assumida e, sob a liderança do professor José Moreira, um grupo de trabalho partiu para a guerra, unificando posições, achando denominadores comuns e buscando apoios e novos caminhos.

Os resultados, nós os vemos aqui, esta noite.

Uma comissão realimentada e unida em seus objetivos, sabendo que os desafios são muitos, exigindo readaptação a novos tempos e novas leis, enfrentando parâmetros diferentes, consciente das conseqüências da globalização e unificação dos conhecimentos, em níveis bem acima dos previstos por Mac Luhan, há algumas décadas atrás.

Vê-se, perfeitamente, que há uma decisão única e que a Comissão está partindo, de maneira concreta, para uma nova etapa que, temos certeza, produzirá muitos frutos pela frente.

Um outro resultado que estamos começando a sentir é a presença, entre nós, da secretaria de Estado de Cultura, Eliane Parreiras.

Isso representa muito mais do que uma mera presença física. Vemos que o Estado, através da condutora direta do sua

## ARTIGOS

política cultural, esta noite, ainda diretamente representando o governador em exercício, está recomeçando a enxergar e dar à Comissão Mineira de Folclore o seu justo valor.

Sem dúvida, é um grande passo para a retomada de trabalhos e ações conjuntas capazes de trazer benefícios imensos para a cultura e para a sociedade mineira.

Este é um grande momento e nós nos atrevemos, talvez como última ação à frente da Comissão, de levantar uma questão muito séria para o folclore.

Nos últimos tempos, houve, no Brasil inteiro, uma reformulação do papel do governo nas ações culturais, com a criação das leis de incentivo.

Sem dúvida, uma democratização da presença pública, mas que, infelizmente, nem sempre vem se traduzindo numa abertura para todos os segmentos culturais.

Neste ponto, já é hora de um reexame das chamadas leis de incentivo e nos programas culturais públicos, abrindo um espaço mais amplo para os grupos, manifestações e agentes da cultura popular, do folclore.

Não falamos aqui de pesquisas, livros e obras, embora eles também possam estar incluídos. Falamos mais diretamente dos reais praticantes do folclore, dos foliões, dos artesãos, dos congadeiros e aboiadores, dos poetas populares, dos rezadores, benzedores e violeiros.

Se, hoje, assistimos, em todo o Brasil, a uma política baseada em quotas, de que são exemplos os quilombos e os espaços para afrodescendentes, por que não criar condições mais justas para agentes e grupos folclóricos no universo das ações governamentais,

Quase sempre, marginalizados dentro das visões macroeconômicas e sócio-culturais, eles necessitam de um apoio que lhes permita, pelo menos, entrar em condições de igualdade dentro de leis de incentivo.

Temos a certeza, senhora secretária, e sua presença, entre nós, nessa noite, já é um importante marco de consciência e visão cultural, que um exame mais detalhado deste fato, poderia colocar Minas numa posição pioneira em termos de valorização da legítima cultura do seu povo.

Temos a certeza também que o governo mineiro, à frente do governador Antônio Anastásia, com a participação do vice governador Alberto Pinto Coelho, não será infenso a uma ação como esta.

Pode parecer uma loucura, mas nós, folcloristas, somos insanos e acreditamos na sensibilidade da senhora e que isso poderá vir a acontecer,

Finalmente, uma palavra de agradecimento. Em dois períodos tivemos a honra de presidir a Comissão Mineira de Folclore. Não que fôssemos dignos desta honraria, mas eleitos por nossos pares, exercemos, nesta segunda vez, as funções, contando com uma participação total de nossos companheiros na diretoria, Maria de Lourdes Costa Dias Reis, Sebastião Geraldo Breguêz e Agripina Neves.

A eles o meu agradecimento pessoal, como também aos integrantes da Comissão Fiscal e a todos os membros da Comissão.

Procuramos fazer o melhor e, se nem tudo foi alcançado, pelo menos foi buscado fazer.

Ao professor José Moreira de Souza, sua diretoria e conselheiros, Domingos Diniz, Elieth, Luiz Tropia, Águeda Kallas, Antônio Paiva Moura e Frei Chico, o nosso abraço e promessas de apoio e participação.

E retomando a Bilac, afinal, “eles estão aqui em um ato de amor, pois só quem ama pode ter ouvido capaz de ouvir, entender e lutar pela cultura do povo”.

### **Discurso proferido pela Secretária Estadual de Cultura de Minas Gerais Posse da Diretoria da Comissão Mineira de Folclore em 05 de março de 2012**

Primeiramente dizer do meu prazer de estar aqui com vocês, eu acho que é um momento muito importante, é uma alegria poder estar aqui. Tivemos a oportunidade de estarmos juntos há uns dias atrás durante um longo período, (na SEC/MG) e realmente estou muito emocionada de estarmos juntos aqui hoje.

Caro Professor José Moreira da Souza, Presidente da Comissão Mineira de Folclore; Caro Folclorista Carlos Felipe de Melo Marques; Diretores da Comissão Mineira de Folclore empossados; cumprimento a todos através do Frei Xico, e parabéns a todos da diretoria; Caros Membros Efetivos da Comissão Mineira de Folclore; Cumprimento a todos por meio da amiga Deolinda Alice dos Santos, pesquisadora. Parabéns a todos por esse trabalho. Helena Andrade Pedrosa, Gerente do SESC Palladium; Sandra Campos do Palácio das Artes, a qual agradeço por ter cedido este espaço para estarmos juntos aqui hoje; e, demais integrantes da Secretaria Estadual de Cultura, por meio de Janaina Cunha, Superintendente de Ação de Cultura, que tem uma ligação direta e muito próxima com a área.

A Secretaria de Cultura do Estado de Minas Gerais cumprimenta a nova Diretoria da Comissão Mineira de Folclore nesta Cerimônia de Posse, pelo importante passo para o desenvolvimento e preservação da Cultura Popular em nosso Estado. O caminho da institucionalidade deve ser sempre celebrado porque revela a disposição de todos os envolvidos na criação e produção artística de apostar na formalidade das relações sem comprometimento da espontaneidade essencial à linha de manifestação da arte.

Conhecemos as dificuldades enfrentadas cotidianamente pelos artistas, folcloristas e pesquisadores que se dedicam à arte popular não apenas em Minas Gerais, mas em todo o país. Sabemos dos desafios imensos que passam pela informalidade, estratégias de recursos, e urgências estruturais. E estamos cientes da dívida histórica dessa sociedade com sua matriz africana e manifestações genuinamente popular.

## ARTIGOS

Para a Secretaria de Estado da Cultura este é um momento especial em que nos debruçamos sobre essas e outras questões em busca de soluções compartilhadas que tomam em conta a realidade de artistas, grupos e instituições. Somamos esforços a fim de motivar a criação de programas que envolvam a transmissão de conhecimentos das práticas das culturas populares, estímulo ao contato entre gerações, além do incentivo a pesquisa, a transmissão de saberes, sempre visando a preservação do verdadeiro patrimônio material e imaterial de nossa cultura.

Para tanto contamos com o mecanismo o Fundo Estadual de Incentivo à Cultura e os Pontos de Cultura. Em breve, teremos a inauguração do Centro de Arte Popular, outro importante ponto de convergência que faz parte do Complexo do Circuito Cultural Praça da Liberdade e a Secretaria de Estado de Cultura. Por meio ainda de parceria com a Superintendência de Interiorização e Ação Cultural que concentra na consolidação do Centro de Tradições Mineiras com base em novos parâmetros que ampliam o alcance das iniciativas e potencializa a participação popular institucional.

E aqui, cabe fazer uma observação a respeito da pertinência de sua fala (na reunião realizada na SEC), a respeito dos mecanismos de financiamento. Sabemos da diversidade da produção cultural e da necessidade que essa diversidade gera, e de termos também uma diversidade de financiamentos, e de modelos e de pontos de financiamentos. Sabemos que apesar da Lei Estadual de Incentivo e do Fundo de Incentivo à Cultura ter uma característica de universalidade precisamos trabalhar e criar mecanismos específicos para a área, porque demandam mecanismos e modelos específicos.

E a nossa expectativa é fazer isso juntos. Que a gente possa construir isso junto porque os caminhos ainda têm que ser construídos não só do ponto de vista dos marcos legais das burocracias e dos desafios legais que implicam em termos novos modelos de financiamentos. Mas também que a gente realmente atenda de maneira legítima às demandas, ou seja, que seja uma política construída COM vocês e não PARA vocês.

Por isso temos muita expectativa com relação a constituição e a retomada da CMFL com toda essa força, porque acreditamos que possa retomar o papel inicial da Comissão, de ser um apoiador, realmente, na reformulação das políticas públicas de cultura.

Nessa reunião realizada na SEC eu tive a oportunidade de conhecer o histórico da CMFL. e seu surgimento é realmente relacionado ao assessoramento superior da Secretaria de Cultura, ainda na época Conselho e vinculada à Secretaria de Educação. Mas depois já com a Secretaria de Cultura continuou com esse papel. E acho que podemos retomar isso firmemente como apoio da comissão para buscar políticas públicas e modelos de financiamentos mais adequados, para que a gente consiga efetivamente chegar e desenvolver todas essas parcerias. Falei também do CAP – Centro de Arte Popular porque nossa expectativa é que ele possa ser um centro de referência da arte popular em Minas Gerais, com a colaboração de todos. Que ele seja um espaço vivo, que vá muito além de

um museu e muito além de um espaço de expositivo, mas que possa ter uma programação dinâmica e viva com atividades, com reflexão e com condições. E a gente conta com todos os parceiros para que a gente possa dar vida e dinamismo a esse espaço que vai ser inaugurado agora em março ainda.

Convidamos ainda todas as entidades culturais da sociedade civil a participarem do processo de constituição do Conselho Estadual de Política Cultural de Minas Gerais. O **CONSEC** é um órgão colegiado, paritário, para ser consultivo, propositivo, deliberativo e de assessoramento superior da SEC. Sua missão é acompanhar a elaboração e implantação das políticas públicas do Estado para a cultura. O Conselho celebra o amadurecimento da participação social na formulação e acompanhamento das políticas públicas e é uma instância democrática transparente e estratégica. Contamos com a participação de todos vocês para garantir a legitimidade das ações do Conselho. As inscrições estão abertas até o dia 16 de março para as entidades culturais, e podem inclusive indicar não só quem vai ser o representante e quem vai votar, mas também os candidatos para serem os conselheiros. E nós contamos não só com a participação de todos vocês que estão aqui, mas com esse processo de divulgação de mobilização para que a gente tenha a participação de todo o Estado de Minas Gerais.

A Comissão Mineira de Folclore – CMFL e a Secretaria de Estado de Cultura – SEC/MG se oferecem como parceiras em sinal de reconhecimento da imensa contribuição desta instituição para a vitalidade da cultura popular de nosso Estado.

Para a SEC/MG um novo tempo se apresenta com sinal de infinitas possibilidades. Contem sempre conosco! Parabéns Diretoria! O meu abraço ao Sabará que me brindou com palavras muito lindas e muito generosas, e dizer que a SEC/MG está de portas abertas. A gente espera estarmos cada vez mais próximos, caminhando juntos, construindo juntos esses caminhos para o fortalecimento da cultura de nosso Estado. Desejo imenso sucesso, e contem conosco neste novo momento da Comissão Mineira de Folclore.

Muito Obrigada!





## ARTIGOS

### ABOIO

Domingos Diniz

#### *Geralmente solfejo sem palavras. Individual, improvisado e livremente em solo*

AO TANGER O GADO – quer seja boiadona em vastas léguas de gerais, quer seja vaquejada de logradouros de não muito longe, quer seja o cotidiano ajuntar vacas leiteiras, no pasto, quer que seja, ainda, tocando uma só rês –, os vaqueiros executam estes labores com muitos gritos, xingamentos e aboio.

– Ei, boi!... Eh, boi!... Êêêê, bô-ô!... Entra pra dentro, boi!...

– Lho-lhós!... Entra pra dentro, trem ruim, praga ruim!... Ê boi-vaca!

– Ôluvai!... Ôluvai!... Tó, tó, tó...

Dizem os vaqueiros: “Tem hora que um grito vale por dez vaqueiros”.

Apareceu em Pirapora um boiadeiro de outras bandas. Depois de comprar boa quantidade de bois, levou-os para sua fazenda. Antes, porém, de soltar a boiada, o boiadeiro, estranho aos costumes do lugar, disse aos vaqueiros:

– Cada roca tem seu fuso, cada terra tem seu uso. Eu não quero ouvir aboio nem grito durante a condução do gado.

Entreolharam-se os vaqueiros com cara de quem comeu feijão cozido com carne de sol bichada. Abriu-se a porteira e o gado saiu aos mangotes, aos pulos. A pionada calada. Só se ouvia o tropel dos animais. A boiada seguia sem novidade. Até que, *Chefe*, o berranteiro, mas, proibido de tocá-lo, montado num cavalo meio-queixo duro, de nome Papagaio, chegou-lhe as esporas. O cavalo deu uma popeta e soltou um peido bem alto. Foi a conta. A boiada estourou. Só horas depois se conseguiu rodear o gado. O boiadeiro olhou para o gado e para os vaqueiros e disse:

– Podem gritar, aboiar e tocar o berrante à vontade.

Daí pra frente o gado viajou tranquilo até o final da jornada, entre gritos, xingamentos e aboios. A vaqueirada ria e contava casos. Até o boiadeiro deu um grito fino, desafinado e torto.

O aboio é o canto de trabalho do vaqueiro. Geralmente solfejo sem palavras. Individual, improvisado e livremente em solo.

Ao conduzir o gado, os vaqueiros aboiam um de cada vez. Quando um termina de cantar, outro já se lhe segue e assim sucessivamente. Às vezes acontece um vaqueiro apressado atravessar o aboio, como gostava de fazer *sô* Inácio Veio. Desafinado, ele não esperava o companheiro concluir, atravessava quebrando o ritmo.

Era comum cantar em duetos, quando se encontravam dois vaqueiros mestres no aboio, como Silvino e *sô* Cabrito.

O aboio calcado na prolongação de vogais com sua lenta melodia faz acalmar o gado, que abaixa a cabeça e segue lentamente na estrada, ora poeirenta, ora cheia de lama. E faz um bem enorme aos vaqueiros. Todos eles se transpõem para outro mundo. O mundo do estado poético em contraponto à rudeza do trabalho. Até os cavalos ficam mais dóceis e atentos.

Diz Mário de Andrade:

(...) o aboio, as várias maneiras de aboiar que os brasileiros empregam de Norte a Sul, apresenta toda uma escala gradativa de emissões vocais que vão do simples ruído oral interfectivo até a manifestação já por assim dizer exclusivamente musical. (*Dicionário Musical Brasileiro*. Coordenação de Oneyda Alvarenga e Flávia Camargo Toni. Belo Horizonte: Itatiaia, 1999, p. 2.)

Já Câmara Cascudo nos ensina:

*O canto dos vaqueiros, apaziguando o rebanho, levando para as pastagens ou para o curral, é de efeito maravilhoso, mas sabidamente popular em todas as regiões de pastorícia no mundo. (Dicionário do Folclore Brasileiro. Belo Horizonte: Itatiaia, 1984, p. 3.)*

Diz ainda Câmara Cascudo: “Não ter dúvida quanto à origem oriental do aboio”. Estudiosos têm-no como originário do muezim ou amuadem, canto que os mouros entoavam, do alto do minarete, anunciando a hora das preces.

Era comum o vaqueiro sentar-se no mourão da porteira do curral, aboiando ou tocando o berrante, à tardinha, assim turvando para chamar o gado e, especialmente, as vacas paridas para darem de mamar aos bezeros.

Antes, como se disse acima, o aboio era só solfejo, de boca fechada. Já no início do século passado, introduziu-se o verso, principalmente, no nordeste e cá nas barrancas do São Francisco também eram usados os versos.

O vaqueiro Serapião, na fazenda São José, brincando com as cidades ribeirinhas, cantava estes versos:

*Januária deu um grito,  
São Francisco arrespondeu,  
São Romão está doente,  
Pirapora já morreu...  
– Vacada diz.*

Ele sempre finalizava os versos com a expressão: “Vacada diz”.

Transcrevemos os versos cantados, no sertão da Bahia, pelo vaqueiro Belchior Varjão:

*Ôôôô!!!  
A filha do fazendeiro  
Falô pra empregada  
– Amanhã me acorde cedo  
Pr’eu iscorrê a coalhada  
Que o aboio desse vaquero  
Deixô-me emocionada.  
Êêê... ôôô. (In: *Histórias de vaqueiros – vivências e mitologia*. Instituto do Patrimônio Artístico e Culturas da Bahia. Salvador, 1988).*

Em Pirapora, colhemos estes versos de aboio cantados pelo vaqueiro *sô* Leonardo. Ele fazia questão de dizer que os cantava quando era vaqueiro nas fazendas da beira do rio *São Bertolameu* (São Bartolomeu), em Claros dos Poções, na época distrito do município de Jequiitá.

*Ôôôô!...  
boi lááá...  
Ôôôô...  
Boi lááá...  
Êi...êi... êi...  
Gado manso vai lááá...  
Ôôôô!...  
Algum tempo eu fui vaqueiro  
na fazenda do Capão.  
Tanta sorte que eu tirei,  
quem ferrou foi meu patrão.  
Ôôôô boi lááá...  
Tropeiro e boiadeiro  
tá na corja do ladrão.  
Tropeiro furta correia,  
boiadeiro furta ferrão.  
Ôôôô boi bonito vai lááá...  
Oi ôi oi ôi...  
Menina de sai curta,*

## ARTIGOS

*Perna de saltar riacho,  
que subiu coqueiro arriba  
e desceu coqueiro abaixo.  
Mas quem parou teu cabelo  
ai, moreninha,  
cangote de negro macho?  
Oi oi oi... boi lááá!...*

Bastião possuía umas terras, coisa pouca, na beira do rio das Velhas, onde criava vacas, porcos e galinhas. Ali vivia com a mulher e os filhos.

Num desses revertérios da vida, Bastião perdeu tudo. Restou-lhe apenas a terra nua. Ele não perdeu, porém, o hábito da lida com as vacas. Ia às fazendas vizinhas e de lá trazia sacos de esterco para jogar no curral.

De manhã, de cima do mourão da cerca do curral, punha-se a tocar o berrante e cantar:

*Vem, boi bonito, no curral de Bastião...*

*Ê boi, ê boi...*

Depois, como se estivesse tirando leite, em voz alta, chamava as vacas pelo nome.

---

## FESTAS JUNINAS

Antônio Henrique Weitzel

### 1. INTRODUÇÃO

1.1 – **Origem:** As festas tiveram uma origem comum como uma forma de culto externo tributado a uma divindade, realizado em determinados tempos e locais, desde a arqueocivilização. Receberam, porém, roupagens novas, após o advento do cristianismo.

Portugal antigo nos passou três festas fundamentais: Natal, Páscoa e São João: a primeira e a última fixas; a segunda móvel.

1.2 – **Divisão:** As festas populares no Brasil têm a seguinte divisão:

a) Festas de inverno (mais rurais): A – festas juninas;

B – festas do Divino.

b) Festas de verão (mais urbanas): C – festas natalinas (Natal e Reis);

D – carnaval.

Obs. Hoje em dia surgem novas festas, por exemplo, as de produção ou de colheita, como as de: banana, maçã, milho, morango, pinhão, rosa, uva. E também as de tradição religiosa (Padroeiro, N. Senhora, Santos, Ciclo da Semana Santa e outras mais).

### 2. FESTAS JUNINAS

2.1 – **Antiguidade:** O mês de junho marca, na Europa, o início do verão, de caráter festivo, quando as populações festejavam as colheitas e faziam os sacrifícios para afastar os demônios da esterilidade, pestes dos cereais, estiagens e outras coisas mais.

2.2 – **Culto do fogo:** A tradição das fogueiras acesas no alto dos montes e mesmo nas planícies era conhecida de toda a Europa, as danças ao redor do fogo, os saltos sobre as chamas, a colocação nas fogueiras das primícias das colheitas e até mesmo de animais vivos (o gato: encarnação do demônio).

O fogo, representação do sol, ilumina, aquece, purifica, assa e coze os alimentos, prepara vestes e armas, enfim, dá segurança e conforto e é elemento de respeito. Daí as superstições: faz mal brincar com fogo (urina na cama); urinar no fogo (seca a urina); cuspir no fogo (fica tuberculoso); arrumar fogueira com os pés ou apagá-la com água (é falta de respeito); soprar fogo (cria papo).

2.3 – **Mês de junho:** Três grandes comemorações cristãs deste mês: Santo Antônio (13 de junho), São João (24 de junho) e São Pedro

(29 de junho) marcam exatamente os dias que antecedem e seguem a data (21 de junho) dessas estações extremas: inverno no Brasil e verão na Europa.

Os portugueses trouxeram para o Brasil estes festejos, que tiveram a mais ampla aceitação desde os primitivos indígenas até os dias de hoje.

Dos três santos, certamente São João é o mais comemorado, tanto que se chega a chamar de *festas joaninas* os festejos realizados no mês de junho.

3. **SANTO ANTÔNIO** – o Taumaturgo, o Milagreiro. Nasceu em Lisboa em 15.08.1195 e morreu em Pádua, na Itália, em 13.06.1231.

Devoção muito espalhada, mas festas populares quase desaparecidas, ficando por conta das festas religiosas em igrejas e cidades das quais é padroeiro. Seu prestígio é mantido no meio do povo como santo casamenteiro e achador das coisas perdidas.

Há uma série de superstições com a imagem do santo, para conseguir as graças solicitadas: pendurá-la de cabeça para baixo, deixá-la no sereno, retirar-lhe o Menino Jesus dos braços (por isso algumas imagens já trazem os dois destacáveis), amarrá-la pelo pescoço, jogando-a no fundo de um poço Tudo isso até que se consiga a graça pedida.

4. **SÃO JOÃO** – o Precursor. Nascido em 24 de junho e falecido em 29.08.0031, na Palestina.

#### 4.1 – Complexos culturais:

4.1.1 – **Fogueira** – Preferência por madeiras resistentes, que produzem boas brasas. São proibidos: o cedro (madeira da cruz de Cristo), a embaúba (que escondeu Nossa Senhora com o Menino Jesus na fuga para o Egito) e a videira (dá o fruto que produz o vinho, usado nas missas para transformação no sangue de Cristo).

É acesa pelo festeiro. Feita braseiro, é atravessada de pés descalços (Quem tem fé não queima o pé). Nela assam-se batatas, mandioca, milho, inhame, pinhão; torram-se amendoins. Ao seu redor realizam-se brincadeiras de roda e danças folclóricas: cana-verde, batuque, ciranda, quadrilha (a mais famosa).

4.1.2 – **Mastro** - Todo enfeitado com flores e fitas coloridas e encimado com os quadros dos santos juninos, traz dependurados frutos da terra: frutas, espigas de milho.

4.1.3 – **Lavagem do santo** – É feita à meia-noite, com procissão e cânticos, levando-se a imagem do santo até um córrego ou riacho e mergulhando-a na água. Depois é enxugada e recolocada no

## ARTIGOS

andor. O povo acredita que o santo abençoa a água: então alguns mergulham nela ou banham os pés, o rosto e partes do corpo, na crença de que ficarão livres de doenças ou de pecados. E quem, à luz das velas ou dos archotes, não vir a própria imagem refletida no espelho da água, não verá o próximo São João. É a magia da água.

4.1.4 – **Reza** – Ao entardecer da véspera de São João, antes de se acender a fogueira, há rezas, ladainhas, cantos, beijamento das fitas do altar ou do andor do santo.

4.1.5 – **Fogos e balões** – É o rito pirotécnico, com fogos de artifício e bombas para espantar o demônio. Os balões sobem para acordar São João, levando-lhe recados e pedidos. Se descem, são malhados com paus e pedras. Atualmente este folguedo é muito combatido pelo perigo ambiental que representam tais balões que, ao caírem, provocam incêndios de graves proporções. Desde 1999 está proibido por lei fabricar, vender ou soltar balões.

4.1.6 – **Casamento** – Conta com os noivos, os padrinhos, o padre, o delegado, o juiz, o escrivão e os convidados. Cunho humorístico. Depois vêm as danças, principalmente a quadrilha, de origem francesa (marcação em francês macarrônico).

4.1.7 – **Quadrilha** – É dança característica das festas de São João, de origem francesa e marcada alternadamente em francês e português, mas um francês estropiado (balancê, anavam, anarrier, otrefoá, vira vortê, changê de dame; e grande roda, lá vem chuva, coroa de rosas, coroa de espinhos, e outras criadas pelo marcador).

4.1.8 – **Sortes** – São adivinhações rituais, para elucidar os interessados sobre o seu futuro, especialmente o relacionado a noivado e casamento. Assim: a) o primeiro pobre a quem se der uma esmola na manhã de São João, o nome dele será o nome do futuro noivo ou noiva; b) enfiar uma faca virgem (que nunca foi usada) no tronco de uma bananeira, na noite de São João. No dia seguinte aparecerá nela a inicial do nome do noivo ou noiva; c) enrolar papeizinhos com os nomes dos namorados e colocar numa vasilha com água. O nome do futuro esposo aparecerá no papelzinho que estiver mais desenrolado; d) quebrar um ovo e jogar a clara numa vasilha com água. No dia seguinte aparecerá uma figura: se for navio (viagem), se for igreja (casamento), se for cruz ou caixão (morte certa). Há uma infinidade dessas adivinhações.

5. SÃO PEDRO – o Apóstolo. Na crença popular é o chaveiro do céu, o manda-chuva.

Com sua festa se encerra o ciclo junino. Entrou mais para o anedotário popular: pouca presença na lírica popular: menor que Santo Antônio e bem menos que São João. É protetor das viúvas e santo sagrado para os pescadores, que lhe fazem belíssimas procissões fluviais e marítimas, no dia de sua festa, a 29 de junho.

A Igreja comemora nesta data São Pedro e São Paulo Apóstolos. Mas o povo desconhece o segundo santo. Só cultua São Pedro.

### 6. BIBLIOGRAFIA:

BRAGA, Teófilo. **O povo português nos seus costumes, crenças e tradições**. Vol. II. Lisboa: D. Quixote, 1986. (Coleção Portugal de perto, 11).

CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. Ilustr. Marlei Sigris e Tom Maia. 9. ed. rev. atual. e ilustr. São Paulo: Global, 2000.

LIMA, Rossini Tavares de. **Folclore das festas cíclicas**. São Paulo: Irmãos Vitale, 1971.

LIMA, Rossini Tavares de & ANDRADE, Julieta de. **Escola de folclore, Brasil: estudo e pesquisa de cultura espontânea**. São Paulo: Livramento, 1979.

LIRA, Mariza. **Migalhas folklóricas**. Rio: Laemmert, 1951.

MARTINS, Saul. **Folclore: teoria e método**. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1986.

\_\_\_\_\_. **Folclore em Minas Gerais**. 2. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Edit.UFMG, 1991.

MORAIS FILHO, Melo. **Festas e tradições populares do Brasil**. Des. de Flumen Júnior. 3. ed. Rio: Briguiet, 1946.

## A QUADRILHA

Antônio Henrique Weitzel

A quadrilha originou-se da “**contredanse**” francesa, que, por sua vez, vem da “**country-dance**” inglesa.

A “**country-dance**” era uma dança rústica surgida na Inglaterra desde a Idade Média (séc. 13 e 14) como uma dança dos trabalhadores rurais ao final de suas lides campesinas. Foi introduzida na França no começo do séc. 18. Compunha-se de um ou de vários movimentos, dançada em grupos de 4 pares, com evolução em correntes ou rodas, obedecendo a um comando em voz alta. De espírito brilhante e vivaz, deu origem à “**quadrille**”, a qual substituiu, nos salões franceses, o minueto, que era uma dança leve, nobre, com movimentos equilibrados. A quadrilha, por seu caráter alegre e movimentado, atendendo ao comando de um marcador, agradou de imediato, passando a ser a dança aristocrática que abria os bailes das cortes européias, gozando de preferência geral.

O nome “**quadrille**”, etimologicamente, é diminutivo do vocábulo italiano “**squadra**”, que significava a companhia de soldados disposta em quadrado. Este nome foi dado depois a um grupo de 4 pares de dançarinos, passando então a ser conhecida como “**quadrille**”.

Foi trazida para o Brasil depois da chegada da Corte Real Portuguesa (1808) com a presença de várias missões artísticas francesas. Entre essas, maestros franceses que executavam suas melodias nos salões da corte e da aristocracia, popularizando rapidamente as quadrilhas. As primeiras notícias datam de 1837. Compositores brasileiros nacionalizaram suas músicas, e muitas adaptações foram feitas no interior do país, dando surgimento a um vasto repertório de músicas juninas, como: fandango, calango, cana-verde, cateretê (ou catira), chula, coco, xote, baião (polca e rancheira), marchinha, forró e até mesmo rock. Com esse transporte para o meio popular, criaram-se novas figurações, melodias e comandos ou marcações.

Esses comandos eram marcados num francês macarrônico, para os termos básicos (**anavam – anarriér – balancê – tur – changê de dames – changê de cavaliês – viravortê – otrefoá**) e combinados com o português, para as figurações preferidas de cada localidade (**aos seus lugares – centro – grande passeio – saudação geral – trocar de lado – grande roda – caminho da roça – caracol – lá vem chuva – a ponte caiu – olha a cobra – é mentira – despedida, etc.**)

Para a sua execução, é indispensável a presença de um marcador, que dará os comandos em voz alta, e do acompanhamento musical, que no nordeste é feito por rabequinhas, e no centro-sul por sanfona ou acordeão.

Atualmente deixou de freqüentar os salões aristocráticos, passando a ser presença obrigatória nos festejos juninos, voltando, assim, às suas origens de dança rural. Basta observar a caracterização dos pares participantes de uma quadrilha.



## José, pai de Jesus

a.j.chiavegato

Era uma vez um burrinho chamado *Algodão Doce* que traduzi do aramaico, dialeto falado em Nazaré em tempo de Cristo. Tinha um penacho branco que lhe valeu o nome dado por José, comprado a módico preço para cargas de madeiras, entregar serviços prontos, porta, janela, portão de horta e de galinheiro, carrinho de criança, enfim, para demais usos familiares entre fazer compras e levar criança a escola, raramente, a fazer picnic nas margens do rio Jordão. Este burrinho consta no livro de Waggerl, *Und es gab sich...* híbrido de *Platero* (*Platero y yo. Juan Ramón Jiménez*) e de *Sete-de-Ouro* (*Guimarães Rosa, Sagarana, pág.46, 1993*), doce, piedoso e teimoso. Sobre o burro discorro mais na frente. Agora trato de José, pai de Jesus, grande figura ausente da paixão e morte de seu filho, por ter morrido antes, de acordo com fontes e minha intuição. De evangelhos nem uma só palavra consta ter José falado, homem de silêncios e ações poucas e decisivas, de fortes braços, não sentia frio, aquecia-se em trabalho e em preocupações, sem pingas, nem pimentas. Ausente da paixão, teve sua parte e como! Desde apaixonar-se de Maria, um sábio sacerdote lhe disse em agouros: *José, esse amor será sua ruína* - esta aí um bom título para filme. Encabulou-se José, uma vez já adiantadas as tratativas de seu casamento com Maria, entre sacerdotes e o Altíssimo como se pode ler em *História de José*, apócrifo, editado em 1772, em árabe e em latim, hoje na Biblioteca do Vaticano, encontrei uma versão em copta na Biblioteca Real de Paris, infelizmente não me adiantaram em pouco meus rudimentos de copta. Como dizia, Deus e piedosos velhos planejavam os caminhos de entrar no mundo o filho de Deus estabelecendo casamento de uma virgem consagrada a Deus, Maria, com um homem justo, José. As coisas, porém correram demais, ainda não preparados, sem curso de noivos, que em uma tarde, em casto namoro, Maria desembuchou em delicada timidez: *José, estou grávida*. Escureceram-se olhos e coração, fosse uma pancada de um caibro caído na cabeça. Mudo, branco, engoliu seco, mal digerindo o coração dúvidas as serragens amargas, horas escuras. Em solidões sonhou com anjos que um lhe disse: *José, num esquentar, são coisas do Altíssimo, Maria é gente fina, pura, quer saber, virginitíssima, pode casar com ela, Deus garante que "Deus é fiel"* - citando Deuteronômio,7,9. Mal nascendo sol, pulou do catre, afivelou sandálias, ajeitou cabelos e barba e correu ao templo. Tocou um sininho no pensionato para virgens consagradas ao templo onde morava Maria, chamou uma espécie de madre superiora que cuidava delas e avisou: *venho em mando de Javé, para marcar o casamento, Maria e eu, nós dois* - disse. *Faça a santíssima vontade de Deus de nossos pais*, - disse a superiora, persignando-se. José saudou *Schalon!* saiu e avisou Ana e Joaquim, mandou um primo avisar Jacó, seu pai, sempre em orações desanuviando viuvez de amada esposa ignota, meia dúzia de amigos, dia seguinte foram ao templo e casou. Conta o evangelho lacônico: *tomou sua esposa e a conduziu a sua casa*, MATEUS 1,24, em Nazaré. Virou assim a primeira página de sua paixão de José, o justo. Acham que foi mole aguentar as impossíveis dúvidas? Quando se ama, em santidades, caso de José, não há lugar para dúvida e pecado, perdão se dissolve em amor, antes que o pecado acontecesse. Mesmo assim, antecipava-se para ele o Getsêmani de seu filho. Ideias ferviam, pois ele bem conhecia as leis: *se uma mulher, comprometida a um homem e vier a se casar, não mais sendo virgem, levada na frente da casa paterna e pedra*

*nela até que morra* (Deuteronômio 22,21). Assim, amor e obscuros planos de Deus, desmancharam medos e dúvidas de José. Por nove meses em trabalhos amou Maria, em alegria e preocupações que não tomasse um tombo, não tomasse resfriado, alimentando, comendo *por duas bocas* - como por lá se dizia. Quase fins no prazo, antes que as dores chegassem, puseram-se em viagem a Belém para recenseamento, organizado por uma espécie de *IBGE romano*, por ordens de Cesar Augusto. Sem condução, foram a pé. Uma família que viajava também, ao vir Maria grávida, disseram: *faz favor, moça, sobe no burrinho, tem a bondade* - em conformidade como dispõe Moisés: *deem preferência a velhos, estropiados, mães com crianças a colo e grávidas*. Assim chegaram a Belém, antes parados em uma taberna modesta, para água fresca, descanso e demais necessidades. Ao longe se avistava Belém, lá ia desabar a paixão de José, *onde ficar?* Nem em Belém e na grande Belém, nada, hotel, pensão, pousada, em camas de famílias, tudo lotado. Nada disso que inventaram a maldade dos belenenses a bater portas na cara da sagrada família, e de outros desaforos, *chispam daí, seus vagabundos!*... É que tinha gente pra caramba a sair pelo ladrão. José nem pensava que a data ia cair num feriadão e naquele tempo ainda não existia serviço de reservas em hotéis, pensões e pousadas. *A gente se vira* - disse Maria tranquilizando o sofrimento de marido. Assim, em pobreza Jesus nasceu, em festas e alegrias que o evangelista Lucas inventou a inspirar poesia, presépios e tantos cânticos *Noite Feliz e Glórias* e anjos em revoada em pencas desfraldando faixas. Fria era a noite, clara, céu aberto e esplêndido, como noites de invernos. Iluminação só uma fogueira, pastores e mulher que assistiu a Maria em parto, José ao lado, olhando-a menina, mãe, nos braços, seu filho. Ao amanhecer, José foi ao mercado e comprou um burrinho, aquele, de que escrevi no início que consta em fotos do natal, junto ao boi e a família sagrada, pastores de joelho e anjos voando pra cá, pra lá. Passados os dias de resguardo de Maria, visitas que foram embora e os reis magos em comitiva, levantando poeira em dança dos desengonçados camelos, era já hora de voltar a Nazaré. José arrumou as tralhas a por no lombo do *Algodão Doce*. A seu natural, sempre meio emburrado, não respeitasse suas pisaduras <sup>(FERIDAS NO LOMBO)</sup> e humores aziagos, pularia feio, desta vez não, apesar do enorme fardo a levar, calmamente profetizou: *o fardo deste menino é leve*. Em paz, a viagem de volta. Em Nazaré correu-se a vida de cada dia, felizes, família e o burrinho, todos. Certa noite, em pesado sono e de sonhos diversos, veio um anjo acordar José, aquele que já conhecia: *chiii..., vem bode aí!* O anjo cutucando seu ombro: *ô José, pega Maria e o menino e se mandem pro Egito que Herodes está matando tudo que é criança pra baixo de dois anos, fiquem lá até que o avise para voltar*. Cataram os tralhes e José foi buscar *Algodão Doce*. Quando viu aquele monte de coisas, empacou fixando as patas: *péra aí, meu, tá pensando que sou um caminhão?! Sei que o senhor é muito bom carpinteiro, bem podia ter feito uma charrete, mesmo uma carrocinha daquelas de carregar reciclados?!* José meio vergonhado apelou à consciência cristã do burrinho, a comover o seu lado bom e deu certo: *tá bom, tá bom*. José agradeceu: *toca que eu empurro*. Dias assim se passaram bem, aí entraram em deserto, a história ficou preta pro burro: *preta, uma ova, tá trágica! Todo mundo se virando e eu, cadê comida, nem uma palhinha?!* A essa altura, tive que lançar mão de Waggerl, fantástico contista austríaco de Natal (*cf. Und es gab sich*) e inventar prodígios e milagres. Por ali, só davam cardos, amargos e espinhudos. José lhe disse: *come!* O burrinho: *tá louco, quer estrunchar meu estômago e o rabo que minha mãe tacou talco em mim?!* Jesus ainda não falava, chamou o burrinho agitando bracinhos nervosos como dissessem *é bom!* Incrédulo,

## ARTIGOS

o burrinho cheirou o cardo, olhou pro lado, com jeito mordeu. Iluminou-se a enorme cara de burro: *Nossa Senhora, é doce!* A partir desse dia, foi inventada, por um cabeçudo burro, a expressão de gratidão e alegria: *Nossa Senhora!* Assim chegou-se em Egito e ficaram por um ano, José, em trabalhos e medos em terra estrangeira até que em sono e sonho, anjo mandou que voltassem na terra de Israel. E alertou: *na Judéia, não que reinava o filho de Herodes, esse é caro perigoso! Vai pra Galiléia.* Fixaram domicílio em Nazaré. José montou modesta oficina, fez uma placa entalhada *José carpinteiro* e por anos viveram em paz, sem destacado registro. Cada ano iam a Jerusalém para a páscoa, *Algodão* sempre ia a serviço em família, mas quando José e Maria em caridades cediam seu lombo a velha e velho, ficava fulo de raiva: *eram levianinhos*, - dizia, *secos e miudinhos, mas chatos, cuspiam e tossiam por tudo lado.* Grávida, tudo bem, carregava em delicadezas, fosse com uma caixa de porcelanas. Em Jerusalém ficavam uns três dias. Dormiam em tendas, necessidades atrás de moitas plantadas pela secretaria da saúde para o devido fim. Comiam as coisas que traziam, já chamados *farofeiros*. Sendo pobres, pouco compravam, talvez um copo de groselha, de capilé para Jesus e Maria, pinga ele não bebia, vez em quando, pouco de vinho que comprava em uma bodega de um grego que muitos viviam em Jerusalém. Vendia-se o famigerado sanduiche churrasco grego, já inventado antes de Sócrates. Por falar de Sócrates, contava-se em meios eruditos uma anedota ao ser condenado: *prefiro beber cicuta a comer churrasco grego.* Por essa e por outras, José não comprava, diziam que era feito com carne de gato embora por lá escasseavam gatos, em dúvidas, José não comia o sanduiche do Aristodemo, - seu nome, *ñéóüüäçïð*, chamado pela sua mulher. Certa vez, fim da páscoa, punham-se a regressar a Nazaré. *Onde está o menino* – José vendo pros lados. Maria: *aqui não está*, olhando atrás que meninos jogavam bola: *viu Jesus, Ezequiel?* Respondeu um menino: *num vi ele não, dona Maria.* E procura que te procura, nada. Um conhecido nazareno que era sempre pessimista que usava óculos pretos pra ver sempre escuro, chutou: *acho sequestro!...* Uma vizinha que vende ovos: *vira essa boca daí, aqui num tem isso, em Roma sim, a coisa lá tá feia, alarmantes índices de sequestro.* Outra: *pior, estupro, não respeitam nem criança, véia, nem burro!* - *Epa! tô saltando de banda!* – o

*Algodão Doce.* Em ansiedades e desanimados, Evangelho diz que acharam depois de três dias, a meu ver, um pouco exagerado, o menino na maior tranquilidade transpirando sabedorias dando entrevista a doutores e anciãos judeus. Maria: *meu filho, caramba, seu pai e eu morrendo de medo?!* Nada José disse, balançando a cabeça pensando: *ela está certa, mãe está certa. Não se faz isso!* Jesus deu uma resposta meio enviesada em turvas profundidades que Maria não entendeu, fechou-se em silêncio e guardou tudo em seu coração a pensar, meditar, remoer, quem sabe um dia venha a iluminar sua vida e a nossa. Apertando Jesus no peito, voltaram a Nazaré, a lombo de burro, puxando José, a tarde que já caía. Nas sombras desta noite, sumiu-se meu amigo José e de nada mais se soube em evangelhos. Apócrifos inventaram imaginações: viveu longo, cabelos e barba escuros, sem uma cárie em dentes, viúvo, casou-se de novo, mais meia dúzia de filhos, Judas, Josetos, Tiago, Simão, Lísia e Lídia, morrendo aos cento e onze anos sem doença, cansou-se de viver e finou-se, chama que se apagasse sem óleo. Para mim, José morreu antes de Jesus. Não fosse assim, ele estaria presente à paixão de Jesus, não fugiria no bando dos apóstolos, a acreditar a versão apócrifca de sua saúde, arrebentaria meio mundo de soldados e no Calvário estaria ao lado de Jesus, firme e não mais sozinha Maria *stabat (estava)*, ambos *stabant (estavam)* e outra seria a história, Michelangelo retratando em pedra a descida da cruz de Jesus em braços de José, função de pai a colher um filho morto, de mãe a abrigar em ventre e colo a trazê-lo à vida. José ausente na morte de seu filho. Pietà, Jesus morto e Maria, eternamente senhora das dores. Encerra-se a história de José, *pai putativo de Jesus*. Putativo uma ova, verdadeiro pai de Jesus que o amou, por ele sofreu, deu-lhe alimento e ternura, não foi o pai de Jesus na carne a atestarem minha fé e tradições, mesmo que impossível termos elementos para o teste de DNA que se evanesceram em séculos. Entrego-me e José nos braços misteriosos e no coração de Deus, pai de seu filho.

*O autor: Augusto José Chiavegato, 77, é filósofo e professor universitário aposentado. Lecionou na PUC-SP e reside em São Paulo.*

### Proposta do Professor Antônio Henrique Weitzel – Juiz de Fora

Minhas sugestões de pesquisas escolares:

1. APELIDOS. São apodos, alcunhas que se dão às pessoas em razão de defeito ou qualidade que as caracterizem de modo especial. Também em função de profissões, atitudes, semelhanças (com outras pessoas ou, principalmente, com animais). Deve-se coletar o apelido e a sua causa.

2. GESTOS POPULARES. A linguagem dos gestos foi certamente a primeira que surgiu na Terra, estabelecendo comunicação entre os primitivos habitantes humanos. E ainda hoje é universalmente usada. As vezes o gesto fala mais que a palavra. Eles podem ser: afetivos, indicativos, representativos e rituais. Deve-se explicar o gesto e o seu significado.

3. BRINQUEDOS INFANTIS. É impossível imaginar uma criança sem os seus brinquedos, toscos ou perfeitos. Tudo isso faz parte de sua formação.

Mas é importante que ela confeccione os seus brinquedos, por mais rústicos que eles possam ser. Os brinquedos podem classificar-se em: ACÚSTICOS (produzem ou transmitem sons); AÉREOS (lançados ao espaço); BÉLICOS (nas brincadeiras de lutas e de guerras); FIGURATIVOS (representativos de figuras humanas ou de animais); GIRATÓRIOS (movimentam-se em círculos); HABILIDOSOS (demonstrativos de habilidades manuais); MOTORES (exigem atividades motoras) e VENATÓRIOS (para qualquer tipo de caça).

(Os brinquedos infantis dão uma excelente exposição em museus escolares). É o que me cumpria dizer.

Abraços do colega Weitzel.

## Wallace Sebastião Costa Gomes se apresenta e conta:

*Nasci em 12 de janeiro de 1992 na cidade de Piranga, Minas Gerais; mas fui criado toda minha infância e parte da adolescência na vila de Abreus onde me encantei pelo folclore. Vivendo em um ambiente cercado por manifestações religiosas, me encantei com as congadas, queimas de Judas e folias que embelezavam a vila em dias festivos. Também fui educado com as histórias antigas da vila que minha vó contava deixando minha imaginação a mercê daqueles personagens fantásticos. Quando finalmente mudei da vila resolvi criar um livro a respeito das manifestações de cunho popular num pequeno catálogo **O Folclore em Abreus**, não publicado. Hoje curso o segundo ano de Engenharia Ambiental pela Universidade Federal de Viçosa. Mas nas horas vagas me dedico à leitura e estudo do folclore e pretendo fazer isso por toda minha existência.*

## ALGUNS CONTOS E CAUSOS DE ABREUS

### O cavalo-de-três-pés do morro do cemitério

Antes de ser construída a atual Matriz de São Sebastião, o morro do cemitério descia ao largo da praça deixando o imaginário popular a mercê das histórias da quaresma. Um comerciante de nome Arnaldo Cirino possuía uma pequena venda ao pé da descida do cemitério; lugar de encontro de vários cavaleiros e trabalhadores era costume do tal comerciante ficar até altas horas verificando as diversas contas pendentes. Foi numa dessas pernoitadas, permanecendo madrugada adentro verificando os fiados do dia, que Arnaldo escutou um tropel misterioso. Àquela altura da noite não era comum o passar de cavaleiros, e a

curiosidade lhe foi dada, e quando foi verificar tais tropéis e relinchos vindos do cemitério se deparou com um cavalo branco e com somente três patas, uma dianteira e duas traseiras. O animal fantástico percorreu toda a praça e sumiu na imensidão da vargem do município. Arnaldo tratou logo de fechar a venda e ir dormir e a partir desse dia guardou as madrugadas de sexta-feira somente para o sono.

*Narrado por Dona Noeme*

### A mulher que comeu a hóstia com pecado

Aquela mulher era o pecado em pessoa. Destruía a igreja com suas palavras, desferindo graves acusações á Casa de Deus e pouco se importando com a ética da linguagem, era conhecedora de inúmeros palavrões. Apesar da vida que levava, frequentava algumas vezes a missa, pois tinha que ver para criticar, e durante o ato da comunhão tomava a hóstia como se comesse um torresmo e tantas foram as hóstias comidas com pecados que os fieis diziam que nem o diabo aceitaria tal mulher no inferno, e foi o que aconteceu. Depois que morreu, sua alma passou a vagar pela Terra. Segurava com as duas mãos o pescoço pois tinha entalada na garganta a hóstia sagrada comida com pecado e andando assombrosamente pelas ruas retirava a hóstia da garganta e segurando-a com a mão gritava: \_ “Aonde eu ponho! Aonde eu ponho!” As andanças da alma penada chegou aos ouvidos do padre, e o povo apavorado com esse acontecimento pediu ao ministro do Senhor que ajudaste essa alma que desgraçava. Não dava a meia-noite e estava o padre com o cálice a esperar tal alma sem condenamento. \_ “Aonde eu ponho! Aonde eu ponho!” ecoava novamente a voz, e o padre erguendo o cálice para a alma gritou: \_ “Põe aqui nesse cálice”. Veio a alma e colocou a hóstia no cálice sumindo no mesmo instante. Retirada a hóstia comungada com pecado a alma passou a descansar em paz fora deste plano terreno.

*Narrado por Dona Noeme*

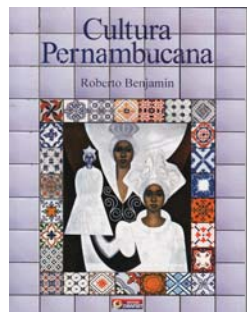
## Livros



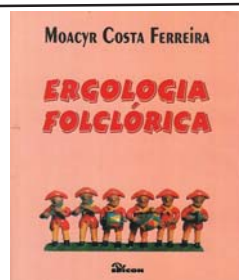
Severino Lucena fala de Festas Juninas



Maria Lira expõe sua arte no Rio de Janeiro



Roberto Benjamin revela Pernambuco e Carlos Felipe, o Vale do Rio São João



Moacyr Costa Ferreira que completa 84 anos no dia 11 de agosto brinda-nos com mais uma edição de sua obra premiada - *Ergologia Folclórica* -. Nenhum estudioso pode deixar de lado esta obra pelo seu valor de fixar a importância do saber popular na construção da vida material.



Duas obras fundamentais de Edimilson: Literatura e Candombe. Com os tambores estão frios, Edimilson encerra a série “Minas e os Mineiros.





## ARTIGOS

### ARTE SACRA NA MATRIZ NOSSA SENHORA DA CONCEIÇÃO EM POMPÉU

**Edméia Faria**

O trabalho de restauração da pintura das imagens na Matriz Nossa Senhora da Conceição esteve a cargo de Kayo Christtyann Lima Peixoto e Ernesto da Silva Nunes.

Kayo chegou a Pompéu guiado pela luz do Divino que, no alto do trono, se escondia embaixo das camadas de tintas num jogo de esconde-esconde à espera de um espírito sensível que portasse um facho de luz e a habilidade na ponta dos dedos, para, de novo, dar-se à luz

O artista, de passagem por Pompéu, se interessa pelas histórias de imagens descritas pelo povo. E se propõe à delicada tarefa de restaurar. Padre Geraldo passa-lhe as informações recebidas entre crédulo e cético com a seguinte recomendação: *“Vai raspando estas paredes! Vê se encontra alguma coisa aí debaixo.”*

Bisturi entre os dedos, o artista começa imediatamente pelo trono. E eis que surge, radiante, reluzente em ouro, a pomba do Divino Espírito Santo, para surpresa de todos e deleite dos espíritos sensíveis, que veem na arte o verdadeiro espírito de Deus, Artista Maior, Criador de todas as coisas, de todas as artes.

E foi assim que, de portas abertas, com os carpinteiros trabalhando na restauração das colunas de madeira; os pedreiros descobrindo, entranhadas no concreto, a forma original das janelas; com fiéis e curiosos entrando e saindo, que o artista foi desvendando, sob as grossas camadas de tinta, num grande painel, anjos e santos.

Os anjos do pintor anônimo, a despeito de suas asas e túnica, têm feições humanas. Dentre eles, um intriga por seus traços femininos e sensuais: a boca vermelha, as sobrancelhas finas e arqueadas, o nariz arrebicado, o colo, o

olhar. Tudo leva a crer tenha o pintor retratado a mulher amada, anjo e musa inspiradora, inacessível talvez. Motivo por que, certamente, deixou de assinar sua obra, preferindo o anonimato.

A velocidade das coisas, a pressa inimiga da perfeição apressa os homens e a obra, atropelando o paciente trabalho do artista.

Depois de dar à luz as pinturas originais, Kayo entra em conflito consigo mesmo. Ante as pressões do tempo, os palpites de leigos e a sua consciência, aliada ao gênio forte, decide dar uma pausa. Refugia em seu ateliê improvisado no fundo do quintal, onde pinta desvairadamente, em seu estilo próprio e inconfundível, tão somente para dar vazão ao espírito.

Nesse interim, um segundo artista é contratado para terminar o trabalho a tempo da inauguração em maio, conforme projeto da Igreja e vontade do povo. A pintura das imagens descobertas pelo primeiro são, assim, “restauradas” pelo segundo artista e refletem o seu olhar. “Todo pintor pinta a si mesmo”. O anjo que despertou nossa atenção perde a feminilidade e as feições que o tornava único, como único, o olhar e os sentimentos do artista que o concebeu. São Pedro ganha um ar mais severo. Talvez seja, hoje, mais difícil entrar no céu. Santa Cecília, dada por irrecuperável em virtude de forte infiltração na parede, ganha nova imagem, obra do segundo pintor. A postura da Santa, o olhar, as mãos no teclado sugerem pausa, silêncio. Três anjos aguardam em suspense as primeiras notas para iniciar o coro. Enquanto isso, a legítima imagem, tal como a descrevem os informantes e concebe a nossa imaginação, emerge das sete camadas de tintas que a sufocam, envolta em música e poesia. Do alto do coro, a santa pianista faz vibrar o teclado, acompanhada por dois anjos que a ladeiam e tiram da harpa os mesmos acordes, na tentativa de acordar uns homens.



## De cemitérios a não-lugares: a experiência do fenômeno Jubileu do Peixe

Lúcia Tânia Augusto

Cheguei à conclusão de que estudar as não-cidades é comentar a sensação do êxodo, voluntário ou não, de pessoas das suas cidades natais para outros lugares. É tratar do estranhamento do processo civilizatório temporário, com regras próprias, quase imprevisíveis em que as estratégias são pensadas sempre em tempo presente, dependentes das especificidades da moda.

Toda essa demanda começou, em outro lugar. Ao consultar a obra de Drummond e a sua relação com a Itabira, “deixada”, “retrato na parede” buscava entender porque o poeta, tinha tanta certeza do fim do ciclo rural e eliminava-se como construtor de uma ideia de real a descrever as suas lembranças de sua cidade natal.

Era um descarte sem defesa, onde ele sequer voltou para conferir se estava mesmo certo. Talvez por não saber o poder de suas palavras e a influência nos destinos do imaginário das pessoas que ficaram. Ele evadiu-se da responsabilidade. Identificou-se com outras paisagens, já que não conhecia mesmo os contornos trazidos pela mineração.

Ele então, identificara em lugar da imaginação a quarta Itabira, a prevista, determinada por suas previsões, dentro da sua obra nos volumes de Boitempo. Há quem leia como passado, pode-se ler como possibilidade real, futura, por constatações e alusões às consequências da extração mineral e da tradição econômica mineira na ocupação do território. Assim, consideraremos para este texto, para ajudar em uma linha de raciocínio, o deserto.

Investigamos em Drummond o habitar, o situar-se plenamente no mundo de forma ao mesmo tempo recolhida e ativa. No jogo temporal do poema a *poiesis* se tornará a matéria real, único elemento disponível a um poeta que nega a metafísica em detrimento da mais perfeita e palpável realidade cotidiana.

Fonte: <http://www.cepad.net.br/discursividade/EDICOES/04/Arquivos04/04.pdf>. Acesso em 12/03/2012.

A percepção é de que, talvez, a construção de Drummond tenha sido destinada ao bem mineral esgotável, ainda não encerrado, suspenso no ar. A preservação do ambiente de exploração de recursos esgotáveis trava a sensação de morte e término de ciclos econômicos e sociais inevitáveis.

Assim, na ausência do deserto concreto de Itabira, à falta de competência de lidar com o inevitável. Fechou-se um ciclo, nada mais a fazer.

Este dado era real, até conhecer a experiência do Peixe. Lá, a materialização não-território ressuscita o retrato, as palavras da poesia drummondiana em outro contexto. Afeita a explicações lógicas, a festa ocorre. A romaria descrita por Pierre Sanchis, se desloca da rede urbana e se instala no nada. Por poucos dias.

Evidentemente tratamos do terreno simbólico, imaterial, do Cemitério do Peixe, na região de Conceição do Mato Dentro.

Explico. O Cemitério do Peixe, como já tratado anteriormente no texto “Desenterrando o Peixe” trava um desafio sociológico em função da presença inquestionável das relações de consumo das coisas do espírito por milhares de pessoas todos os anos em lugar que é destinado aos ancestrais, às almas, aos 99% de nada. Mas nesta relação não trata do mundo irreal, e sim da conquista real pelo exercício do poder do símbolo. Como um direito. Fazendos nos identificar nestas representações a conquista real do mundo palpável, da presença da morte como fonte ambígua de sustentação dos rituais que a cercam.

Com a sua experiência individual com a família, Drummond encerra o seu ciclo em Minas, com a poesia. A população de Gouveia, não. Restabelece, ressignifica a sua propensão à veneração do passado, dos mortos. Será falamos em um novo capitalismo? Tratamos da supersignificação do efêmero? E dentro deste nada, encontramos intervalos maiores que a ocorrência.

Em princípio este deveria ser um tema de ficção, de uma cidade das almas. Mas não, a festa está lá e este ano se repetirá e morrerá. Sem continuidades. Eventualmente. Como um local de visita em que só se concretiza os seus contornos quando as pessoas chegam e trazem os seus convidados e chamam os seus mortos para absolvê-los.

Talvez possamos até encarar a formação religiosa de ambos os grupos: a família tradicional mineira, branca, que encara a morte como um fim e um inventariado de bens materiais. E a população descendente de africanos (maioria em Gouveia) que encara o fenômeno morte, como continuidade da vida do ancestral de forma eterna dentro da cultura dos seus sucessores. As festas, as homenagens, mais especialmente o Jubileu do Peixe, encenam a tradição da morte.

É desse conceito de simulacro, ou da sua sugestão, que irrompe o conceito de *entrelugar*

no texto de Silvano Santiago. Adaptado aos trópicos, esse conceito passa a significar

um movimento de resistência do colonizado à imposição dos valores do colonizador

européu. Latino-americanizado passa a ser também um locus de enunciação, espaço

territorial, geográfico, espaço discursivo. “A América Latina institui seu lugar no mapa da

civilização ocidental, graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que

transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo

Mundo” (p.16). Esse conceito conforme Nubia Jacques Hanciau (2005: p. 127) se insere no

conjunto de conceitos indicadores de zonas de descentramento, que vêm testemunhar as

heterogeneidade e deslocar a única referência atribuída à cultura européia, no momento da

debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, tais como: “lugar

intervalar (E. Glissant), *tercer espacio* (A. Moreiras), espaço

intersticial (H. K. Bhabha), *the thirdspace* (Revista *Chora*), *in-between* (Walter Mignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z. Bernd), zona de

contato (M. L. Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento)”.

Fonte: [http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed\\_001/cultura/O%20ENTRE%20LUGAR%20E%20OS%20ESTUDOS%20CULTURAIS.pdf](http://www.unioeste.br/prppg/mestrados/letras/revistas/travessias/ed_001/cultura/O%20ENTRE%20LUGAR%20E%20OS%20ESTUDOS%20CULTURAIS.pdf)

. Acesso em 1/4/2012

O local, um cemitério, remonta a sensibilidade do terreno não-material, o não-lugar. A experiências diferenciadas com o fato-morte, em uma região colonizada e que mesclou componentes dos rituais para com os mortos, sem nenhuma regra pré-estabelecida. Ao lado do Rio Paraúna, do outro lado deste rio, um cemitério para os excluídos. Um não-lugar que surge assim, pela ausência da capela, da igreja, da instituição católica anterior. Somente em 1915 é que se tem notícias da construção da tal igreja, já com a presença das Irmandade de São Miguel. Nos relatos coletados há uma ênfase em dizer: é o Jubileu das Almas (primeiro) e de São Miguel, portanto, depois.

Na sua prática, inconscientemente, pessoas se habitam a reverenciar a morte, o patrono dos mortos e dizer: não há chances de surgir uma cidade, mesmo com a especulação imobiliária iminente.

Embora sejamos influenciados pelos contextos sociais em que nos encontramos, nenhum de nós tem o comportamento simplesmente modelado por esses contextos, possuímos, criamos, construímos nossa própria individualidade. É trabalho da sociologia investigar as conexões entre o que a sociedade faz de nós e o que fazemos de nós mesmos. As nossas atividades tanto estruturam, modelam, como ao mesmo tempo são estruturadas por esse mundo social. O conceito de estrutura social é muito importante na Sociologia, ele se refere ao fato de que os contextos sociais de nossas vidas não se consistem apenas em conjuntos esporádicos de eventos ou ações, são constituídos ou uniformizados de formas distintas. Há regularidades nos modos como nos comportamos e nos

relacionamentos que temos uns com os outros. Entretanto a estrutura social não é como uma estrutura física, como um edifício que existe independentemente das ações humanas. As sociedades humanas estão sempre em processo de estruturação. Elas são reestruturadas a todo o momento pelos próprios blocos de construção que as compõem, os seres humanos. (Giddens, A. Sociologia, Porto Alegre: Artmed,2005).

Fonte: <http://meuartigo.brasilecola.com/sociologia/desenvolvendo-uma-perspectiva-sociologica.htm>. Acesso em 31/03/2012.

As possibilidades de analisar o fenômeno Peixe são inúmeras, mas por curiosidade e intenção sociológica, optamos por entendê-lo como “lugar simbólico”, lugar idealizado, lugar cemitério, lugar de significados que se constroem e destroem a cada ano, lugar do imprevisível: o cemitério.

Lugar ideal, por isso, o que permite o exercício da liberdade das várias intervenções informais em sua arquitetura, na ocupação do espaço deserto, na escolha dos seus símbolos, dos rituais e nos mistérios que cercam a a fundação do seu acervo de histórias e suas origens.

Sabemos que os cemitérios são anteriores às próprias cidades. relações sociais que se estabelecem, o volume de pessoas e as mudanças das práticas tradicionais, ao mesmo tempo que consolidação de outras.

“A sociologia pode nos fornecer auto esclarecimento, uma maior auto compreensão. Quanto mais sabemos por que agimos como agimos e como se dá o completo funcionamento de nossa sociedade provavelmente seremos mais capazes de influenciar nossos próprios futuros. Não deveríamos ver a Sociologia como uma ciência que auxilia somente os que fazem políticas, ou seja, grupos poderosos, com o propósito de tomarem decisões informadas. Não se pode supor que os que estão no poder sempre levarão em consideração, em suas políticas os interesses dos menos poderosos ou menos privilegiados. Grupos de auto esclarecimento podem frequentemente se beneficiar da pesquisa sociológica e responder de forma efetiva as políticas governamentais ou formar iniciativas políticas próprias”. (Giddens, A. Sociologia, Porto Alegre: Artmed,2005).

Pensando nestes elementos culturais partilhados pelos das sociedades e da forma como disseminam e comunicam as suas práticas, o Peixe torna-se um desafio particular e fascinante, na sua medida de pluralidade de pessoas ao chegarem. Exemplo todo integral cercado por bens de consumo simbólicos, passaremos pelos ofícios humanos, por crenças e costumes. A aparelhagem, parte espiritual nos leva a entender como o homem é capaz de lidar com os problemas concretos, específicos, com que se defronta



Às margens do São Francisco,  
Domingos Diniz celebrou 80 anos  
de juventude.

Participe da programação da 46<sup>a</sup>  
Semana Mineira de Folclore.

Ver página 4  
Patrocínio



APOIO



CULTURA



A **Comissão Mineira de Folclore** precisa de uma sede. Ofereça sua pataca. O resto, Deus proverá. Adquira as publicações da Comissão Mineira de Folclore.

**Anotem o número da conta da Comissão Mineira de Folclore**

Banco Itaú - agência 3038  
Conta: 01006-6

## NORMAS PARA PUBLICAÇÃO

Carranca aceita artigos, notas, comentários, informes em geral de interesse dos estudiosos de Folclore e da Cultura Popular, desde que encaminhados em meio digital.

Formato em Word, fonte arial ou times new roman, corpo 12, espaço 1,5. Identificação do autor.

As fotos devem ser encaminhadas já escaneadas em formato jpg.

Artigos assinados são de responsabilidade dos autores.



CARRANCA

Órgão Informativo da Comissão Mineira de Folclore – CMFL  
Número 03-12– JUNHO - JULHO 2012.

Diretor Responsável – José Moreira de Souza

Fotos: Adélia A. Raies de Souza, Antônio de Paiva Moura

Maria Agripina Neves e José Moreira de Souza

Editoração Gráfica: José Moreira de Souza

## Diretoria da CMFL - 2012 - 2014

Presidente: José Moreira de Souza

Vice-presidente: Domingos Diniz

Secretária: Elieth Amélia de Sousa

Tesoureiro: Luiz Fernando Vieira Trópia

### Conselho Fiscal da CMFL

Águeda Moraes de Carvalhaes e Kallás

Antônio de Paiva Moura

Frei Francisco van der Poel

## IMPRESSO

## REMENTENTE

### Comissão Mineira de Folclore

Rua Pires da Mota - 202

Bairro Madre Gertrudes

CEP – 30512-760

Belo Horizonte - MG

E-mail: [oficinafolclore@superig.com.br](mailto:oficinafolclore@superig.com.br)